Fundado em 1864

www.dn.pt / Quinta-feira 22.9.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 037

LISBOA ESTÁ CADA VEZ MAIS CICLÁVEL.

E A EMEL CONTINUA A TRABALHAR PARA ISSO!

A bicicleta é um meio de transporte cada vez mais utilizado na cidade, com um papel importante nos hábitos de mobilidade de quem vive, trabalha, estuda ou visita Lisboa.
A Câmara Municipal de Lisboa e a EMEL têm vindo a trabalhar no desenvolvimento da rede ciclável da cidade. São cada vez mais as ciclovias que convidam a deixar o automóvel e a optar pela mobilidade suave. São cada vez mais as estações da rede GIRA, o serviço público de bicicletas partilhadas de Lisboa, que oferecem um meio alternativo de transporte na cidade, rápido e económico. São cada vez mais as soluções pensadas e desenvolvidas para que Lisboa possa ser vivida e percorrida em duas rodas.

GUARDE ESTE MAPA CICLÁVEL DE LISBOA OU DESCARREGUE A VERSÃO EM PDF ATRAVÉS DO CÓDIGO QR:

FAÇA O DOWNLOAD DA APP GIRA:

GIRA. Bicicletas de Lisboa

emel

13
BICI
PARK
130+
ESTAÇÕES
GIRA.
Bicicletas
de Lisboa
BICIPARK
Trilho
Ciclovia complementar
Ciclovia principal
Estacionamento coberto
para bicicletas particulares

OS HÁBITOS MUDAM E A CIDADE ADAPTA-SE ÀS NOVAS FORMAS DE MOBILIDADE.

Já conhece os BICIPARKS da EMEL?

São espaços fechados para os utilizadores estacionarem a sua própria bicicleta, localizados no interior de parques de estacionamento da EMEL, em vários pontos da cidade. Servem as necessidades dos utilizadores regulares de bicicleta e estão equipados com suportes que garantem um estacionamento mais fácil e mais seguro.

COMO ADERIR?

1. Faça login ou registe-se em meuperfilemel.pt
2. Selecione a opção BICIPARKS no menu
3. Leia as instruções e selecione ADERIR AO BICIPARK
4. Associe o seu cartão Navegante ou Lisboa Viva
5. Aguarde a receção de um e-mail confirmando a adesão
6. Dirija-se a um BICIPARK e carregue o seu cartão

- Gratuito para residentes em Lisboa sem dísticos e sem avenças
- 7€/mês para público em geral e residentes em Lisboa com dísticos ou avenças

saiba mais em
emel.pt

Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira 22.9.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 037 / €1,50 / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

EPA/JUSTIN LANE

GUERRA

Biden rejeita *bluff* depois de Putin ter subido a parada com cartada nuclear

PÁGS. 4-5

REDUÇÃO TRANSVERSAL DO IRC DE 21% PARA 19% DIVIDE O GOVERNO

ACORDO Depois de Costa Silva ter defendido a medida, Fernando Medina pede reserva e chuta para as negociações com parceiros sociais. Também dentro do PS não há unanimidade sobre o tema. Portugal tem a taxa máxima mais elevada da OCDE, acima dos 31%. PÁG. 18

SECA SITUAÇÃO É GRAVE E PODE SER "A PRÓXIMA PANDEMIA"

Depois de um verão quente e seco, os próximos meses podem não ser fáceis. Rui Godinho, presidente da Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas, considera que a seca "é um dos problemas políticos mais complexos das próximas décadas" e que há falta de "políticas fortes, de continuidade." PÁGS. 10-11

Guilherme d'Oliveira Martins

"A Constituição de 1822 é um farol, é uma referência e representa um marco irreversível"

PÁGS. 6-7

Covid-19

Vacinação. "É agora que temos de proteger-nos. Em dezembro será tarde"

PÁG. 12

Dor Shapira, embaixador de Israel

"O maior problema entre israelitas e palestinianos é a falta de confiança"

PÁGS. 20-21

Seleção

Ronaldo será em 2024 o jogador de campo mais velho a jogar um Europeu

PÁG. 24

EDITORIAL

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

Competição a três

Ouça-se com atenção os discursos de Vladimir Putin, as palavras de Joe Biden ou as intervenções de Xi Jinping e não ficarão dúvidas de que o mundo entrou numa era de redefinição de influências, com a antiga superpotência derrotada a querer mostrar força, a superpotência vencedora da Guerra Fria a defender com unhas e dentes a supremacia atual e a futura superpotência a afirmar a sua nova relevância, mantendo ainda certas cautelas sob a capa da responsabilidade. Em torno desta competição, que passa pelo conflito na Ucrânia e pela renovada tensão em Taiwan, mas também, de forma mais discreta, por sanções económicas, boicotes tecnológicos, guerras de tarifas, disputa de recursos energéticos e até competição entre moedas, o resto dos países procuram estar com o aliado tradicional ou, pelo menos, não se comprometer demasiado com ninguém, sendo o Japão e a Índia bons exemplos de uma e outra situação, como o são também a Europa Ocidental e o Brasil (é interessante ver como a política externa de Jair Bolsonaro e de Lula da Silva tem muito em comum, em nome dos tais interesses nacionais).

Antiga superpotência, atual superpotência, futura superpotência? É fácil olhar para a História recente, sobretudo pós-Segunda Guerra Mundial, e encontrar bases para esta classificação, mas a realidade pode ser muito mais complexa, sobretudo se a confrontação não for global e sim localizada, exigindo menos meios.

Vejamos como se hierarquizam entre si a Rússia de Putin, a América de Biden e a China de Xi: **Território**: 1.º Rússia, 2.º China, 3.º EUA; **População**: 1.º China, 2.º EUA, 3.º Rússia; PIB: 1.º EUA, 2.º China, 3.º Rússia; **PIB *per capita***: 1.º EUA, 2.º Rússia, 3.º China; **Orçamento militar**: 1.º EUA, 2.º China, 3.º Rússia; **Ogivas nucleares**: 1.º Rússia, 2.º EUA, 3.º China; **Reservas de petróleo**: 1.º Rússia, 2.º EUA, 3.º China; **Reservas de gás**: 1.º Rússia, 2.º EUA, 3.º China; **Empresas na *Forbes 500***: 1.º China, 2.º EUA, 3.º Rússia; **Universidades no *Top*-100 do *Ranking* de Xangai**: 1.º EUA, 2.º China, 3.º Rússia; **Patentes científicas globais**: 1.º China, 2.º EUA, 3.º Rússia.
E fiquemos por aqui, mostradas que estão algumas das forças e das fraquezas relativas dos três grandes.

Esta competição vem de trás. Barack Obama e Donald Trump tinham já identificado a China como principal rival, o que Biden confirmou. Putin, que sucedeu a Boris Ieltsin, passou as últimas duas décadas a tentar recuperar para a Rússia alguma da influência da extinta URSS e, agora, enfrenta a América. E Xi, que vai ser confirmado para um terceiro mandato de secretário-geral do PC Chinês e de presidente, preparou nos últimos anos a provável ultrapassagem do PIB chinês ao americano, com a pandemia a vir complicar o processo. Mas tudo foi acelerado e muito pela invasão da Ucrânia em fevereiro, pelo que se sabe quando começou o atual momento crítico, mas não se sabe quando nem como terminará. Não é um jogo. E se o fosse não teria regras claras. Todos querem sair vencedores – vale quase tudo – e daí o perigo de uma escalada incontrolável, hoje mais provável entre russos e americanos.

FOTO DE 1944

O novo ano letivo ganhava destaque nas páginas do *Diário de Notícias* em outubro de 1944, assinalando-se a abertura "das escolas primárias e comerciais". Nas paredes desta sala de aula de uma Escola Primária lisboeta podiam ver-se cartazes sobre "*A Lição de Salazar*", que glorificava a obra feita pelo ditador no Estado Novo.

OPINIÃO HOJE

Pedro Marques **Não são borboletas, é a democracia** PÁG. 08
Rute Agulhas **A figura do Encarregado de Educação e o divórcio** PÁG. 15
Jorge Conde **Desequilíbrios na oferta de Ensino Superior** PÁG. 15
João Almeida Moreira **Bolsonaro enterrado em Windsor** PÁG. 22

RETIFICAÇÃO No artigo ontem publicado em *Dinheiro* lia-se que o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais indicara, na *Conferência sobre Fiscalidade no OE2023*, que não seria o Orçamento a resolver os problemas das famílias e das empresas. A citação correta porém prendia-se com os impostos, não o OE na sua generalidade. A citação correta de Mendonça Mendes é a seguinte, conforme mencionada nas versões *online*: "Não são os impostos que vão resolver o problema. A política fiscaltem o papel de alterar comportamentos e garantir o funcionamento do Estado, mas não é uma solução mágica."

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves e Fernanda Câncio **Editores** Ana Sofia Fonseca, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil, João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Ana Meireles, Carlos Nogueira, César Avó, David Pereira, Isaura Almeida, Paula Sá, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Pedro Ivo Carvalho (diretor) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Carlos Nogueira, Paula Sá, Susete Francisco e Rui Frias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de agosto de 2022: 6.619 exemplares.

GUERRA

Putin sobe a parada com cartada nuclear. Ocidente rejeita *bluff*

AMEAÇA Presidente russo recorre à mobilização de reservistas para estancar as perdas e garante recorrer a todo o arsenal para proteger as futuras regiões que quer anexar. Líderes ocidentais dizem não ceder à chantagem nuclear, enquanto outros países apelam para uma trégua.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Vladimir Putin dispensou a Assembleia-Geral das Nações Unidas e, na noite de terça-feira, deixou meio mundo em suspenso à espera da sua mensagem aos russos. Acabou por adiá-la horas suficientes de forma a coincidir com o Dia Internacional da Paz, uma data estabelecida em 1981 pela ONU. Não foi de paz, mas de guerra e de ameaças, fundadas numa realidade alternativa, que o líder russo se dirigiu aos concidadãos para anunciar uma "mobilização parcial" para o Exército.

Putin ficou longe de Nova Iorque, mas teve o condão – ainda que não pelos melhores motivos – de se tornar, bem como à sua guerra, no centro das atenções da Assembleia-Geral. Em consequência, a presidente da Comissão Europeia e a primeira-ministra do Reino Unido assinaram uma rara declaração conjunta; os ministros dos Negócios Estrangeiros da UE decidiram reunir-se em solo norte-americano para acertar a estratégia comum face aos novos desenvolvimentos, o que incluirá novas sanções; e o presidente dos Estados Unidos, entre outros líderes, denunciaram o discurso e as ações do Kremlin.

Putin insiste na ameaça neonazi

Há sete meses, o líder russo lançou a "operação militar especial" com o objetivo de "desnazificar" e "desarmar" a Ucrânia, enquanto garantia que o objetivo não seria o de ocupar o país. Enredado no seu labirinto, defende agora a anexação de tudo o que puder, da região quase sob controlo total (Lugansk) às outras ocupadas parcialmente (Donetsk, Kherson e Zaporíjia). "Apoiaremos a decisão sobre o seu futuro", disse, em referência à ficção que Moscovo e as autoridades pró-russas chamam de "referendos".

"Falemos sem rodeios. Um membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas invadiu o seu vizinho, tentando apagar um Estado soberano do mapa."

Joe Biden
Presidente dos EUA

Repetiu argumentos de uma narrativa onde há "neonazis a cometer atrocidades" e de altos funcionários dos principais países da Aliança Atlântica a fazerem declarações sobre "a possibilidade e admissibilidade da utilização de armas de destruição maciça contra a Rússia – armas nucleares". Neste mundo ao contrário, Putin advertiu: "Aos que se entregam a tais declarações sobre a Rússia gostaria de lhes lembrar que o nosso país também tem vários meios de destruição e, em alguns casos, componentes mais modernos do que os dos países da NATO."

Além das ameaças diretas ao Ocidente e indiretas ao mundo inteiro, o russo repetiu que o objetivo principal é a "libertação de todo o território do Donbass". Porém, as tropas russas enfrentam as ucranianas, as quais "operam na realidade sob ordens dos assessores da NATO", uma forma de justificar a mobilização parcial que, mais tarde, o ministro da Defesa Sergei Shoigu disse envolver até 300 mil reservistas.

Biden desarma Putin

Num discurso em que não perdeu 30 segundos para chegar ao essencial, o presidente dos Estados Unidos demoliu o argumentário do líder russo e baixou a temperatura ao relembrar que "uma guerra nuclear não pode ser ganha e nunca deve ser travada". Joe Biden disse que "a guerra escolhida por um homem" tem por objetivo "apagar um Estado soberano do mapa" e que "visa extinguir o direito da Ucrânia a existir como Estado, pura e simplesmente, e o direito da Ucrânia a existir como povo".

"A Rússia violou descaradamente os princípios fundamentais da Carta das Nações Unidas – nada mais importante do que a clara proibição de os países tomarem à força o território do seu vizinho", disse, para depois comentar "as ostensivas ameaças nucleares contra a Europa" e um "desrespeito temerário pelas responsabilidades do regime de não-proliferação" nuclear. Perante o estado das coisas, o democrata tentou não aumentar a tensão, dizendo

"Perante uma ameaça à integridade territorial do nosso país, utilizaremos todos os meios disponíveis para proteger a Rússia e o nosso povo. Isto não é um bluff*."*

Vladimir Putin
Presidente da Rússia

Putin observa uma exposição numa escola em Novgorod.

que o seu país está a trabalhar com os aliados para dissuadir Moscovo bem como responsabilizar o regime pelas "atrocidades e crimes de guerra". "Porque se as nações podem prosseguir as suas ambições imperiais sem consequências, então pomos em risco tudo o que esta mesma instituição representa", disse em plena sede da ONU.

China quer trégua

O maior aliado da Rússia, Pequim apelou para um "cessar-fogo através do diálogo" na sequência do anúncio de Putin. "Apelamos para as partes relevantes realizarem uma trégua através do diálogo e de consultas, e para que encontrem uma solução que vá ao encontro das legítimas preocupações de segurança de todas as partes o mais rapidamente possível", disse o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Wang Wenbin. Na semana passada, Putin reuniu-se com o homólogo chinês, Xi Jinping, e disse compreender as "questões e preocupações" de Pequim no que respeita à guerra na Ucrânia. A China não condenou a invasão russa. Mas Wang disse na quarta-feira que a China defende "que a integridade territorial e a soberania de todos os países deve ser respeitada". Outros países, da Índia à generalidade da América do Sul, apelaram também para o fim do conflito.

"[A decisão de Putin] é uma má notícia para o povo russo, é uma má notícia para os jovens russos e é uma má notícia para a Rússia, porque irá aumentar o seu isolamento. Já ninguém compreende as escolhas feitas pela Rússia."

Emmanuel Macron
Presidente de França

UE prepara mais sanções

"Ameaçar com armas nucleares é um perigo real para o mundo inteiro, e a comunidade internacional tem de reagir perante esta ameaça", disse o chefe da diplomacia europeia. Para Josep Borrell, Putin "está a tentar intimidar a Ucrânia e todos os países que apoiam a Ucrânia. Mas ele vai falhar", assegura. O diplomata marcou uma reunião informal dos ministros dos Negócios Estrangeiros já na madrugada de Lisboa.

Também a presidente da Comissão Europeia falou da ameaça nuclear, mas o tom foi outro: "Putin tem armas nucleares, é um facto, mas nunca iremos submeter-nos à chantagem", disse Ursula von der Leyen, em entrevista à CNN. A dirigente alemã disse que a UE está pronta para impor mais sanções económicas, tendo destacado novos controlos à exportação de tecnologia civil para a Rússia. Em comunicado conjunto com a chefe do governo britânico Liz Truss, disseram que o anúncio de Putin é "um sinal de que a invasão está a falhar" e que é "uma declaração de fraqueza".

Macron e Scholz contra o imperialismo

No dia seguinte a um discurso em que acusou a Rússia de um "regresso ao imperialismo colonial", o presidente francês defendeu o uso de "todos os meios" para que o líder russo mude de rumo e apelou para a comunidade internacional "pressionar ao máximo" Putin para este parar a guerra. Já o chanceler alemão Olaf Scholz, que na véspera também tinha classificado os chamados "referendos" como parte de uma "agressão imperialista", descreveu o discurso do líder russo um "ato de desespero". Para Scholz, a Rússia "não pode ganhar a guerra criminosa" e "a mais recente decisão torna tudo pior".

Zelensky incrédulo

Embora tenha admitido a existência de alguns riscos, o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky disse não acreditar que Putin recorra às armas nucleares e também não acredita que o mundo o permita, disse. Em declarações ao *Bild*, afirmou que "Putin quer afogar a Ucrânia em sangue, mas também no sangue dos seus próprios soldados".

NATO apela para a calma

O secretário-geral da NATO disse que as declarações de Putin são "retórica nuclear perigosa", mas recordou que esta não é nova e apelou para a calma. "O discurso mostra que a guerra não está a decorrer como ele tinha planeado, fez um enorme erro de cálculo."

cesar.avo@dn.pt

E AINDA

Alguns russos protestam, outros tentam sair do país

Pelo menos 1240 pessoas foram detidas por participarem em protestos na Rússia contra a guerra e a mobilização, segundo a organização de Direitos Humanos OVD-Info. Os ajuntamentos, que se deram na sequência do anúncio de Vladimir Putin, aconteceram em 38 cidades. Segundo a legislação russa, as manifestações não autorizadas são ilegais e são punidas com uma pena de prisão de 15 dias, ou até sete anos, caso o manifestante seja condenado por vandalismo. Outros cidadãos decidiram mostrar-se contra a mobilização assinando uma petição online que, em poucas horas, recolheu quase 200 mil assinaturas. O anúncio de Putin provocou também uma procura de voos só de ida para fora do país, tendo as buscas e consequentes reservas disparado. A Letónia anunciou que não iria receber cidadãos russos, enquanto na fronteira com a Finlândia se registou uma fila de quilómetros.

Kharkiv entre 30 localidades bombardeadas

Durante o dia, as tropas russas lançaram cinco ataques com mísseis, 11 ataques aéreos, 17 ataques com sistemas de lançamento múltiplo de foguetes a alvos militares e civis no território da Ucrânia, anunciou o Estado-Maior ucraniano. Em resultado dos ataques, infraestruturas de mais de 30 povoações ucranianas foram danificadas, entre as quais a segunda maior cidade, Kharkiv. Mísseis russos atingiram blocos de apartamentos e instalações ferroviárias. Kharkiv, a apenas 40 quilómetros da fronteira russa, foi atacado no primeiro dia da invasão, mas os russos nunca conseguiram tomar a cidade. Nas últimas semanas, foi poupada a bombardeamentos mais intensos à medida que uma contraofensiva ucraniana afastou as forças terrestres russas da região. Contudo, a Rússia consegue lançar mísseis a partir do seu território.

Prisioneiros de guerra estrangeiros transferidos para a Arábia Saudita

Dez prisioneiros de guerra de países terceiros foram transferidos para a Arábia Saudita como parte de um intercâmbio entre a Rússia e a Ucrânia, revelou o Ministério dos Negócios Estrangeiros saudita. Os prisioneiros, provenientes da Suécia, Estados Unidos, Reino Unido, Marrocos e Croácia, chegaram à Arábia Saudita vindos da Rússia. As autoridades sauditas "estão a facilitar os procedimentos para o seu regresso em segurança aos respetivos países", informou Riade, que disse ser o resultado dos esforços do príncipe Mohammed bin Salman. Entre os cinco britânicos, um deles, Aiden Aslin, havia sido preso em Mariupol em abril e depois condenado à morte. Na véspera, o presidente da Turquia havia anunciado um acordo para a troca de 200 prisioneiros de cada lado. Desconhece-se se a libertação dos prisioneiros estrangeiros está incluído no acordo a que Recep Tayyip Erdogan aludiu.

Papa contra "monstruosidades" na "martirizada" Ucrânia

Sem nomear a Rússia, o pontífice da Igreja Católica denunciou as "monstruosidades" e a "selvajaria" no território ucraniano. "Eu gostaria de falar sobre a terrível situação da Ucrânia martirizada. O cardeal Krajewski está no país pela quarta vez e está a ajudar na região de Odessa e nos seus arredores", disse o Papa Francisco após a audiência geral, no Vaticano. "Ele contou-me sobre a dor desse povo, a selvajaria, as monstruosidades, os cadáveres torturados que estão a ser encontrados", continuou. Kiev anunciou, na semana passada, a descoberta de uma vala comum com mais de 440 sepulturas numa floresta perto da cidade de Izium, no nordeste do país, recentemente retomada pelas forças ucranianas ao Exército russo. As exumações realizadas até ao momento demonstram que a maioria dos cadáveres era de civis, com "evidências de tortura" em Izium. Moscovo nega as alegações.

Guilherme d'Oliveira Martins "A Constituição de 1822 é um farol, é uma referência e representa um marco irreversível"

BICENTENÁRIO A exposição *A primeira Constituição de Portugal-1822* é inaugurada amanhã no Palácio de São Bento, depois de sessão solene evocativa dos 200 anos da aprovação. Guilherme d'Oliveira Martins, presidente da Comissão das Comemorações, explica o contexto que levou à adoção deste documento magno da história política nacional.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Muitas vezes fala-se da Constituição Portuguesa de 1822 dizendo que vem na mesma linha de outras, nomeadamente da espanhola de Cádis, de 1812. Há, contudo, um elemento que a diferencia: a preocupação em salvaguardar alguns Direitos Humanos. Essa originalidade explica-se como?

A génese da Constituição de 1822 e do Movimento de 1820 é muito curiosa, tendo em conta que vimos das Invasões Francesas e de uma situação paradoxal que, em Portugal – ao contrário de Espanha –, permitiu a conservação da independência. Quando dizemos "a corte saiu para o Brasil em 1807", a verdade é que saiu, mas com isso preservou a independência portuguesa. Nunca perdemos a independência.

Porque o rei não é deposto e substituído por um irmão de Napoleão, como aconteceu a Fernando VII em Espanha.

Exatamente. Quando Junot chega aqui, o povo diz que "ficou a ver navios". A expressão é essa. Só aqui ficou seis meses. E porquê? Porque não governa. Não podia governar porque, levada a corte pelos navios, a independência de Portugal está salvaguardada com o rei no Rio de Janeiro. Isso deve-se, claramente, à aliança britânica. Indiscutivelmente. Esta relação com Inglaterra tem também grande importância, quando falamos da Revolução de 1820, porque esta é determinada por um excesso. Um excesso de permanência. Os ingleses estiveram tempo a mais.

"Os ingleses estiveram de facto tempo a mais e depois há uma circunstância tremenda que causa desagrado e repulsa, em termos populares e em termos generalizados, que é a condenação à morte de Gomes Freire de Andrade."

Está a falar da Regência?

Estou. Os ingleses estiveram, de facto, tempo a mais e depois há uma circunstância tremenda que causa desagrado e repulsa, em termos populares e em termos generalizados, que é a condenação à morte de Gomes Freire de Andrade. Gomes Freire de Andrade era um oficial general distinto e exemplar, um oficial general do tempo antigo, de antes do serviço militar obrigatório, do tempo em que os Exércitos eram mercenários e profissionais. Por isso, vemos que Gomes Freire de Andrade, general, a lutar na Legião Portuguesa de Napoleão, mas também como comandante do nosso Regimento da Infantaria, o célebre Infantaria 4 de Campo de Ourique, em Lisboa.

Portanto, o excecionalismo de Portugal na época das Guerras Napoleónicas tem que ver com a chegada da corte ao Rio de Janeiro no início de 1808 e as suas consequências várias.

Sim. Veja, no dia 16 de dezembro de 1815, cria-se o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Este dado é muito importante, uma vez que, se é facto que foi no dia 7 de setembro de 1822 o príncipe D. Pedro, o regente, o imperador, o rei, no futuro, declarou a Independência do Brasil através do célebre *Grito do Ipiranga*, também verdadeiramente o Brasil já era independente.

Tinha deixado de ser uma colónia em 1815.

Tinha deixado de ser colónia em 16 de dezembro de 1815. Este aspeto é particularmente importante, uma vez que se trata de uma das razões de queixa que leva a acelerar a Revolução de 1820. Era inaceitável, dizia-se, que o rei estivesse ausente e Portugal se tivesse tornado colónia do Brasil. Isso era uma menorização. Era o que diziam Manuel Fernandes Tomás, Ferreira Borges, Silva Carvalho. Houve uma inversão, que perante a Invasão Napoleónica foi necessária, mas depois tornou-se desnecessária, não se justificando o prolongamento da presença inglesa.

Mas o rei volta, contrariado, mas volta, em 1821.

O rei volta, meio contrariado sim, porque os seus principais conselheiros diziam que tinha de vir. Até porque a Constituição que estava a ser aprovada, tem vários domínios em que viria a ter uma influência extraordinária, mas há um domínio em específico que afeta D. João VI, o da subalternização do rei. Sobre isso, Passos Manuel dirá, mais tarde, que se tratou de rodear um monarca de instituições republicanas. De facto, tal como acontece relativamente à Constituição de Cádis de 1812, a Constituição de 1822 é de matriz republicana. Não é que tenha sido proclamada a República, mas o rei passa a ter um papel subalterno. Por exemplo, não tem direito de veto relativamente às leis e isso diminui a sua posição. Mas a História diz-nos hoje que D. João VI, de quem os brasileiros sempre tiveram melhor opinião dos que os portugueses, mesmo relativamente à Constituição de 1822, teve uma inteligência muito grande e jura a Constituição. Isto apesar de estar por esclarecer politicamente, depois, o impacto da Vilafrancada e da Abrilada – em Vila Franca terá prometido uma Constituição, mas estaria a falar de uma Carta Constitucional? O jurar da Constituição é um facto muito importante e contrasta, de novo, com o seu cunhado, rei de Espanha, Fernando

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

VII, que não o fez relativamente às instituições espanholas. Há uma diferença muito grande na evolução ibérica neste aspeto.

Além da Constituição de 1822 ser republicana, como diz, insisto na pergunta se, no que respeita aos Direitos Humanos, é além de republicana também muito avançada? Por exemplo, a inviolabilidade da casa.

A sua pergunta coloca a questão essencial que é aquilo que adquirimos irreversivelmente nas instituições portuguesas, a partir de 1822. A ideia de soberania popular e os Direitos Fundamentais, tudo isso está aqui consagrado. Tornam-se elementos extraordinariamente presentes ao longo do século XIX – apesar de termos tido uma guerra civil – e não podemos esquecer aquilo que o romancista e, aliás, diplomata também Álvaro Guerra nos disse, num livro que deve ser lido e relido, que é *Razões de Coração*: Álvaro Guerra trata do tempo em que a presença napoleónica se faz sentir. E o que é que diz? Que em Portugal há uma contradição, mas também uma complementaridade. A contradição entre o facto de resistirmos a Napoleão e querermos preservar a independência, sem deixar em simultâneo de simpatizar com a causa das liberdades. De facto, a Constituição Portuguesa de 1822 é influenciada pelas constituições de Inglaterra (não escrita, a experiência da Revolução de 1688), dos Estados Unidos da América e de França. Mas na Constituição Portuguesa de 1822, há um aspeto muito interessante que se nota, designadamente, no número de citações no longo do debate constituinte. O autor mais citado é

> *"Até porque a Constituição que estava a ser aprovada em 1822, tem vários domínios em que viria a ter uma influência extraordinária, mas há um domínio em específico que afeta D. João VI, o da subalternização do rei."*

Montesquieu. O professor José Luís Cardoso, num livro muito bom sobre a Revolução de 1820, tem o cuidado de fazer o elenco das citações, e esta relevância de Montesquieu é muito importante, porque Montesquieu, ao contrário de Rousseau, salvaguarda a ideia da separação e independência de poderes. Portanto, além dos Direitos Fundamentais e da soberania popular há a ideia de cidadãos e não-súbditos e isso é irreversível. Apesar da tentativa de instauração de um Regime Absolutista por D. Miguel, a verdade é que o povo e as elites interiorizaram essas ideias de não serem súbditos, da liberdade de imprensa e do fim da Inquisição.

O cidadão não volta a ser súbdito?

Não volta a ser súbdito. Nunca mais.

Apesar de tudo, é preciso olharmos para a época que se vivia quando a Constituição foi feita: o voto era censitário, as mulheres estavam excluídas e, sobretudo, a escravatura não é mencionada, apesar de não existir no território europeu de Portugal desde o marquês de Pombal.

Exatamente. Não é um documento perfeito, mas é um documento em que há um conjunto de elementos que se tornam irreversíveis e isso é muito importante.

> *"A tradição que encontramos a partir de 1822 é tão forte, que até a Constituição de 1933 teve a necessidade de consagrar um conjunto formal de direitos."*

Apesar da tentativa de D. Miguel e da guerra civil, já não havia qualquer possibilidade. A Revolução de 1820 é no Porto, tem a ver com a tradição liberal da cidade, tem a ver com o papel absolutamente fundamental de várias personalidades, em especial Manuel Fernandes Tomás. Só um mês depois é que a revolução chega a Lisboa e há tentativas de limitar a soberania da Assembleia Constituinte, mas é ultrapassado o movimento contrarrevolucionário. Sendo consagrada uma Assembleia Constituinte que vai proclamar aspetos absolutamente fundamentais, designadamente em relação à ideia de cidadania, soberania popular e separação de poderes e liberdade de imprensa.

Esta Constituição é efémera. Vigorou durante pouco mais de um ano e depois ressuscita em 1836, por ocasião da Revolução de Setembro, por um período também muito curto. A Carta Constitucional de 1826 vai inspirar-se nela?

Sim, claramente. Esse é outro dado muito importante, a Constituição de 1822 é um farol, é uma referência e representa um marco irreversível. E a verdade é que a lógica da Constituição de 1822 não é uma lógica outorgada, como a Carta. Parte-se da legitimidade própria da Assembleia Constituinte. Herculano é crítico da Revolução de 1836, depois da vitória e da morte do rei D. Pedro, que morre pouco tempo depois. É preciso explicar que a Europa vai apoiar D. Pedro IV de Portugal em 1830, em virtude de dois acontecimentos que vão mudar as coisas e retirar qualquer possibilidade de sucesso a D. Miguel e aos absolutistas. Por um lado, a Revolução de julho de 1830, em França, com Luís Filipe, e em simultâneo, a mudança de governo pela eleição dos liberais que vão substituir os conservadores em Inglaterra. Isto muda tudo, porque ambos os países vão apoiar D. Pedro e a causa liberal. Em 1834 é assinada a *Convenção de Évora-Monte* e é a Carta Constitucional de D. Pedro, de 1826, que vai entrar em vigor, mas fugazmente, uma vez que em setembro de 1836 temos a revolução em que a grande referência é Passos Manuel. Passos Manuel vai buscar a Constituição de 1822 e a Constituição de 1838 é influenciada pela de 1822. Ou seja, a questão do equilíbrio entre os diferentes poderes é corrigida em 1838. E Alexandre Herculano, que tinha sido contra a Revolução de 1836, vai ser partidário da Constituição de 1838 que vigorou apenas quatro anos. Em 1842, Costa Cabral restaura a Carta Constitucional, mas não cumpre aquilo que promete. Porque ao proclamar o regresso da Carta Constitucional, diz que tem de ser corrigida por faltar o elemento da legitimidade popular, designadamente em relação a eleições livres e aos cidadãos, mas não cumpre. E Alexandre Herculano põe na ordem do dia alguns dos aspetos que precisavam de correção, nomeadamente democratizar a Carta Constitucional, no sentido de reforçar a legitimidade do voto para garantir uma maior e melhor participação dos cidadãos. Simultaneamente, vai também proceder a uma renovação da legitimidade, uma vez que é uma Assembleia Constituinte com poderes que vai aprovar o Ato Adicional, nomeadamente o Ato Adicional de 1852. Este aspeto é muito importante porque em 1852, 30 anos depois da Constituição de 1822, iriam repor-se as coisas. Ou seja, seria reposta uma Lei Fundamental a partir da Carta Constitucional, isto é, há um compromisso que permite manter a Carta democratizada.

Mesmo a Constituição de 1933, do Estado Novo, que substituiu a da Primeira República, de 1911, vai beber a este espírito de 1822?

Mesmo a de 1933, é muito curioso. Há o famigerado artigo 8.º que esvazia – o que é típico de um sistema autoritário –, o que está proclamado relativamente aos Direitos Fundamentais. Na prática, o artigo 8.º consagra direitos, mas limita-os. Isto deve-se ao facto de Salazar ser um jurista e ter consciência de que a cultura jurídica e política tinha interiorizado os Direitos Fundamentais. Claro que sabemos que o regime do Estado Novo não respeitava os Direitos Fundamentais, mas formalmente consagrou-os. O que retiro daqui é que a tradição que encontramos a partir de 1822 é tão forte, que até a Constituição de 1933 teve a necessidade de consagrar um conjunto formal de direitos.

Mas é preciso chegar a 1976, à atual Constituição nascida do 25 de Abril, para limar as arestas que não foram limadas em 1822, nem depois e os direitos de todos estarem finalmente expressos. A Constituição de 1976 é uma filha da de 1822?

Naturalmente que sim. A Constituição de 1976 está na tradição iniciada em 1820 e mais, como diz Jaime Cortesão, está na tradição dos fatores democráticos da formação de Portugal.

leonidio.ferreira@dn.pt

ANTÓNIO COTRIM / LUSA

Costa com Marcelo em Belém, no passado dia 16.

Cenário macroeconómico para 2023. Costa sacode pressão do Presidente da República

COABITAÇÃO Marcelo Rebelo de Sousa ainda vai ter de esperar três semanas pelas previsões que queria conhecer já.

TEXTO **JOÃO PEDRO HENRIQUES**

O Presidente da República voltou ontem a pressionar o primeiro-ministro para apresentar o mais depressa possível o cenário macroeconómico para 2023 – previsões de crescimento, inflação, desemprego, etc.

Falando com jornalistas antes de dar uma aula no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, Marcelo afirmou: "Espero que as incertezas que existem ligadas à guerra não sejam de cinco, seis anos. Mal seria! Certamente ainda durarão uns tempos e certamente haverá efeitos no ano que vem, e o que interessa agora, para os portugueses saberem com que linhas se cozem, é saberem as previsões para o próximo ano".

Ou seja: deveria ser "importante" para o governo "dizer aos portugueses 'os cenários que há são estes'". "É do interesse dos portugueses em primeiro lugar, mas é do interesse do governo e das oposições, para sabermos todos do que estamos a falar", insistiu.

Falando em Nova Iorque, onde hoje discursará na 77ª sessão da Assembleia-Geral da ONU, António Costa sacudiu a pressão do Presidente da República para divulgar já as projeções macroeconómicas do governo para o próximo ano, remetendo-o para o dia previsto para a entrega do OE2023 no Parlamento, que é dia 10 de outubro.

"O senhor Presidente da República conhece os calendários, sabe que é dia 10 de outubro. O governo, como lhe compete, apresentará o Orçamento do Estado, e o Orçamento do Estado conterá, como é óbvio, o cenário macroeconómico para o próximo ano." "Todos temos de ter preocupações sobre o próximo ano, sobre o dia de amanhã e sobre todos os anos. A verdade é que neste ano, segundo as previsões da Comissão Europeia, Portugal é o país que mais cresce em toda a União Europeia", afirmou ainda, assegurando também que o governo está "a analisar naturalmente quais são as perspetivas para o próximo ano tendo em conta aquilo que são os efeitos que a guerra está a ter nalgumas das principais economias europeias, designadamente a alemã". "Estamos também a ter em conta aquilo que acontece noutros mercados em que, felizmente, as empresas portuguesas têm conseguido reorientar o seu esforço de exportação, e isso tem sustentado de uma forma bastante vigorosa o nosso crescimento económico", afirmou o chefe do governo.

Agenda internacional intensa

Marcelo Rebelo de Sousa aproveitou também para anunciar que tenciona ouvir os partidos com representação parlamentar sobre o OE2023 depois da viagem que fará aos Estados Unidos de amanhã a 29 de setembro. Disse também que, depois destas audiências, convocará o Conselho de Estado para discutir a situação política e socioeconómica do país. Quando será, não se sabe.

O que se sabe é que a agenda internacional do Presidente da República tem sido muito intensa nos últimos tempos (Brasil, Angola, Reino Unido) e assim continuará a ser nos próximos.

De de 5 a 7 de outubro, Marcelo Rebelo de Sousa estará em Malta para participar no 17.º Encontro Informal de Chefes de Estado do Grupo de Arraiolos. Depois, de 7 a 9 visitará Chipre e, de 18 a 20 de outubro, fará uma visita de Estado à Irlanda.

joao.p.henriques@dn.pt

Aeroporto. PM reúne com líder do PSD

O primeiro-ministro (PM) e o líder do PSD vão reunir amanhã para uma nova discussão sobre o novo aeroporto de Lisboa. Na reunião estará também presente, segundo foi anunciado pelo gabinete do PM, o ministro das Infraestruturas, Pedro Nuno Santos.

Esta posição de António Costa surge depois de o líder do PSD lhe ter escrito pedindo a "realização imediata" de uma Avaliação Ambiental Estratégica (AAE) sobre localizações possíveis do futuro aeroporto, que quer concluída num ano e com análise de custos e prazos de cada opção.

"O primeiro-ministro tomou conhecimento da carta que lhe foi dirigida pelo dr. Luís Montenegro em nome do PPD/PSD", lê-se na nota divulgada pelo gabinete do PM.

Em relação à carta de Luís Montenegro, "quanto ao essencial", António Costa salienta ter registado a reafirmação da "total disponibilidade para se alcançar a maior convergência possível" sobre "a estratégia de desenvolvimento da capacidade aeroportuária da região de Lisboa" e, em especial, "da aceitação recíproca da metodologia a seguir".

A seguir, António Costa refere-se à reunião de amanhã: "Para dar sequência útil a esta disponibilidade, o primeiro-ministro e o ministro das Infraestruturas e Habitação terão na próxima sexta-feira, às 17:00, na residência oficial do primeiro-ministro, uma reunião de trabalho com uma delegação do PPD/PSD liderada pelo seu presidente, dr. Luís Montenegro", acrescenta-se.

Na missiva do presidente do PSD dirigida a António Costa, divulgada à comunicação social, Luís Montenegro pede que esta AAE seja realizada para as opções Montijo, Alcochete "e qualquer outra que o governo ou a estrutura encarregue de fazer a Avaliação Ambiental Estratégica decidam fundamentada e tecnicamente incluir".

DN/LUSA

Opinião
Pedro Marques

Não são borboletas, é a democracia

Em vários países, perante o crescimento da extrema-direita, as forças democráticas estabeleceram cordões sanitários que excluíram partidos racistas e xenófobos (além de outros ataques aos Direitos Humanos) de participarem no governo ou na constituição de maiorias parlamentares.

Esta opção resultou da constatação do óbvio: as propostas, o discurso e os próprios valores desses partidos não são compatíveis com os princípios democráticos. Estabelecer acordos tornaria o exercício político permeável à sua influência, cedendo nos valores essenciais.

Porém, o afastamento da direita democrática do poder durante alguns anos tem levado a que, em alguns Estados, se esteja a transpor essa barreira.

Acabou de acontecer na Suécia. Os partidos liberais e conservadores da direita democrática vacilaram, abdicando dos seus princípios e aceitando um recuo civilizacional para chegarem ao poder.

Apesar de não nomear o Primeiro-Ministro, a extrema-direita será o maior partido da coligação. A expectativa é agora de um governo nacionalista, anti-imigração e eurocético.

Sendo certo que aceitar a extrema-direita é moralmente ruinoso, é também difícil compreender o sentido estratégico dessa decisão. Não faltam exemplos de partidos de centro-direita que, incapazes de rejeitar veementemente essa colaboração, acabaram penalizados.

Por um lado, perdem os votos de quem, mesmo sendo do seu campo político, rejeita a ida dos extremistas para o poder. Por outro, ao contrariar o sentido de voto útil, perdem votos para a própria extrema-direita. Um duplo desastre, justificado apenas com a sede de poder.

Assim foi na Suécia. O Partido Social Democrata (centro-esquerda) registou o maior aumento de votos dos últimos 20 anos, ganhando as eleições de forma destacada. Já a extrema-direita ultrapassou a direita tradicional e transformou-se no segundo maior partido.

Em Itália, que vai a votos no próximo domingo, parece desenhar-se o mesmo caminho. As sondagens indicam que o partido de Berlusconi, que aceitou participar numa coligação com a extrema-direita de Matteo Salvini e Giorgia Meloni, deverá perder metade do seu eleitorado. Meloni, estrela em ascensão, poderá ser a vencedora das eleições e próxima primeira-ministra. A aliança com direita tradicional permitiu atenuar o facto de ser de extrema-direita e os registos da sua admiração por Mussolini. É o processo de normalização em curso.

Por cá, a abertura de Rui Rio à extrema-direita – primeiro com a aceitação do acordo nos Açores, depois ao não excluir um acordo pós-eleitoral de âmbito nacional – fez o PSD perder votos para o PS, IL e Chega, alcançando o pior resultado em Legislativas desde 1983. Mas por vezes as lições demoram a ser aprendidas e Montenegro parece repetir a receita, com declarações tão ambíguas sobre a relação com o Chega que se prestam a todas as interpretações.

Com as dificuldades económicas provocadas pela guerra e pelos preços da energia, espera-se um ciclo eleitoral suscetível ao populismo. Não há melhor altura para a direita democrática esclarecer a sua posição.

Rejeitar a extrema-direita não é um caminho das borboletas. É um compromisso claro em não sujeitar a democracia e os Direitos Humanos ao tubo de ensaio do radicalismo versão Século XXI.

Eurodeputado

19
VALORES
Roger Federer

Aos 41 anos, anunciou o fim da carreira. No mundo do desporto, poucos são tão consensuais. Federer é. Não apenas pelos 103 títulos que venceu (20 *Grand Slams*), mas também porque foi um desportista exemplar, ganhando ou não. O mundo perde um extraordinário campeão. Resta-nos a consolação de ser também um cidadão exemplar

"A seca é um dos problemas políticos mais complexos das próximas décadas"

Presidente da APDA: "Falta de água vai ser a próxima pandemia."

NUNO VEIGA / LUSA

AMBIENTE Depois de um verão quente e seco, os próximos meses podem não ser fáceis. Em Espanha, os agricultores já pediram, inclusive, que o governo trave a cedência de água a Portugal prevista nos acordos de Albufeira. Ao *DN*, o presidente da Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas diz não compreender a falta de discussão do tema a nível ibérico.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Em seca severa (55,2%) ou extrema (44,8%): Esta era a situação a nível nacional, no início do mês de agosto, depois daquele que foi o julho mais quente desde que há registo. Os dados do mais recente *Relatório de Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica*, feito pelo Grupo de Trabalho de assessoria técnica à Comissão de Acompanhamento dos Efeitos da Seca mostram de forma objetiva a difícil situação que o país atravessa devido à escassez de água.

Depois do verão mais quente desde 1932, os próximos meses podem não ser fáceis. Quem o diz é o presidente da Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas, Rui Godinho. "Gostava de ter uma expectativa mais positiva em relação a este assunto, mas a verdade é que se pensa que a situação será grave", alerta o responsável, apesar de não ter dados "a médio/longo prazo".

O que leva, então, a esta forma de pensamento? "O relatório é feito mensalmente desde 2017, um ano gravíssimo em termos de seca porque foi muito além do verão. E cada vez mais vemos que a seca é uma questão sistémica", diz Rui Godinho, acrescentando: "A seca é um dos problemas políticos mais complexos das próximas décadas", não só a nível nacional.

Na passada segunda-feira, cerca de três mil agricultores espanhóis das províncias de León, Zamora e Salamanca manifestaram-se para exigirem o fim do Acordo de Albufeira. Assinado em 1998 (e em vigor desde 2000), este compromisso prevê a gestão conjunta e o uso de água das cinco bacias hidrográficas comuns, entre as quais a do Douro, por força do qual terão de chegar a Portugal 870 hectómetros cúbicos de água (650 dos quais de duas barragens espanholas, o que equivale a mais de metade da água armazenada).

Esta situação, para Rui Godinho, "é um exemplo concreto" de que faltam "soluções políticas concretas" para resolver o problema da seca na Península Ibérica – até porque pertence à bacia do Mediterrâneo, uma das regiões que será mais afetada pela seca no futuro.

"Não se entende como é que o tema da água, e da seca em concreto, não se discute ao nível das cimeiras ibéricas que se realizam", considera o presidente da APDA, para quem ainda há "muito a fazer" nesta área, sobretudo ao nível das políticas públicas, para resolver o problema. "Há muitos dados técnicos sobre o assunto, não falta informação técnica. O que falta então? Decisões políticas fortes, de continuidade."

"A falta de água vai ser, seguramente, a próxima pandemia em termos de baixas humanas."

Rui Godinho
Presidente da Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas (APDA)

Diálogo ibérico "é mais do que bem-vindo"

Neste sentido, o governo anunciou ontem, pela voz do ministro do Ambiente e da Ação Climática, Duarte Cordeiro, que a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) está em contacto permanente com os congéneres espanhóis para procurar encontrar soluções. As declarações do ministro foram feitas numa audição parlamentar na Comissão de Ambiente e Energia, em resposta a uma pergunta do líder parlamentar do Bloco de Esquerda sobre a gestão da água e escassez em Portugal.

Para o presidente da APDA, "todas as iniciativas de diálogo entre ambas as partes são mais do que bem-vindas. Este é ou devia ser o caminho". E deixa o alerta: "Apesar disso, e de serem dados passos mais técnicos para certas situações – como o foco em soluções para compensar a falta de volume nos caudais –, é importante que haja um diálogo institucional nas

"Há muitos dados técnicos sobre o assunto, não falta informação técnica. O que falta? Decisões políticas fortes, de continuidade."

esferas mais altas também, não apenas ao nível das associações."

Do ponto de vista de Rui Godinho, "o custo de não tomar medidas concretas é muito maior do que qualquer investimento que se faça para prevenir e combater a seca. Já para não falar dos custos económicos e humanos associados à seca", diz o presidente da APDA, para quem "a falta de água vai ser, seguramente, a próxima pandemia em termos de baixas humanas".

Esta perspetiva foi, de resto, confirmada pelo relatório *Drought 21* (Seca 21), organizado pela Estratégia Internacional das Nações Unidas para a Redução de Desastres, apresentado na última COP21. "É cada vez mais um problema sistémico, como prova o relatório", considera o responsável.

Conferência pretende chegar a soluções concretas

Tendo em conta a "premência e criticidade do tema", a APDA decidiu organizar uma conferência "para tentar chegar a soluções e medidas concretas para apresentar ao governo", diz o presidente.

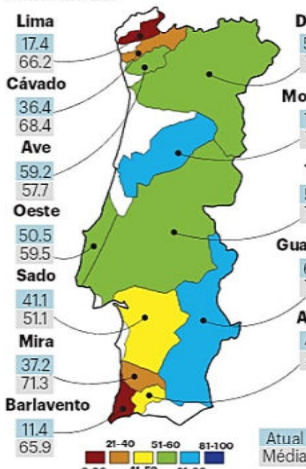
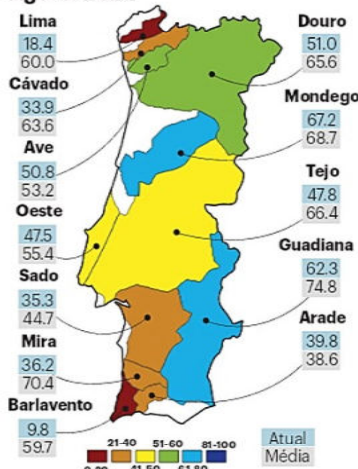
A *Conferência A Urgência da Água: do Ambiente à Economia* decorre hoje no Pavilhão do Conhecimento e João Galamba, secretário de Estado do Ambiente e da Energia, estará presente.

Sobre esta iniciativa, Rui Godinho diz que a intenção é "mesmo a de organizar mais no futuro". "Queremos ser parte da solução e dar soluções para aquele que é um problema cada vez mais sistémico. Há que mobilizar o país para discutir este tema que muitas vezes é esquecido nos debates no espaço público", afirma Rui Godinho.

Ao longo do dia, serão discutidos temas como "o *stress* hídrico, a arquitetura institucional da gestão de água" ou os "problemas pendentes nos serviços de águas", anuncia APDA em comunicado. Com a intenção a ser a realização de conferências semelhantes no futuro, Rui Godinho dá já pistas para uma eventual próxima edição: "Há que discutir também a evolução tecnológica e a aplicação destas ferramentas ao serviço da gestão de águas."

rui.godinho@dn.pt

JULHO VS. AGOSTO

Situação das bacias hidrográficas no verão

A percentagem do volume de armazenamento está representada por cores. O vermelho indica a mais baixa; o azul escuro a mais alta.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

Seca agravou-se entre julho e agosto. Todas as bacias hidrográficas perderam volume de armazenamento

FALTA DE ÁGUA Julho foi o mais quente desde 1932 e agravou a seca que já se verificava. Situação piorou em agosto e próximos meses podem não ser fáceis.

A seca em Portugal não é novidade. Mas, depois do julho mais quente desde 1932, a situação agravou-se. Aliadas à falta de chuva, as temperaturas que se verificaram ao longo de todo o verão fizeram com que todas as bacias hidrográficas do país perdessem volume de água armazenado.

Segundo dados do Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH), a situação mais grave, em agosto, verificava-se no Algarve, na bacia hidrográfica do Barlavento, que ficou com menos de 10 por cento de volume armazenado.

Por outro lado, a bacia do Tejo, a maior nacional a nível de superfície ocupada, passou a estar com um armazenamento abaixo de 50% pela primeira vez desde outubro do ano passado, mês em que os dados mais antigos do SNIRH estão disponíveis e analisados no relatório da gestão de Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, feito pelo Grupo de Trabalho (*ver peça ao lado*).

Nos últimos dados disponibilizados por esta entidade, a bacia do Douro – que, tal como a do Tejo, é partilhada com Espanha – está também no nível mais baixo desde outubro do ano passado (51% de volume de armazenamento).

33,16

Calor Mês de julho foi o mais quente desde 1932, com a média de temperatura a ser de 33,16 ºC.

100%

Seca De acordo com os dados mais recentes, a totalidade do território nacional encontrava-se, em agosto, em seca severa ou extrema.

32

Armazenamento Das 60 albufeiras monitorizadas em agosto, 32 tinham uma capacidade a 40%. Apenas três estavam acima de 80%.

No final de julho, das 59 albufeiras monitorizadas pelo SNIRH, apenas seis apresentavam um volume hídrico superior a 80%, com 26 a estarem abaixo dos 40%, entre as quais a Barragem de Campilhas (3,6%, localizada na bacia do Sado), da Paradela (9,5, na bacia do Cávado) e da Bravura (11,4, na bacia do Barlavento), sendo as três barragens em pior situação a nível nacional, segundo dados do relatório da gestão de Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, feito pelo Grupo de Trabalho.

Um mês depois, em agosto, "os armazenamentos por bacia hidrográfica" apresentavam-se inferiores às médias de armazenamento no espaço de 30 anos, de 1990/91 a 2020/21.

A única onde não se verificava esta situação era na bacia do Arade. No entanto, e tendo em consideração que os dados disponíveis remontam a agosto, a situação já pode ter mudado no espaço de um mês.

Certo é que, entretanto, várias associações do setor agrícola já referiram que a chuva que caiu desde o fim de agosto não foi suficiente e há culturas – como os olivais de regadio – que vão continuar a ter quebras de produção.

R.M.G.

11 medidas do governo para combater a seca

No dia 24 de agosto, o governo, pelos ministérios do Ambiente e Ação Climática e o da Agricultura, anunciou um conjunto de medidas para combater a falta de água.

1 Adotar medidas de proteção das massas de água para minorar os efeitos das áreas ardidas.

Concelhos abastecidos por sistemas críticos:

2 Alargar a possibilidade de utilização do volume morto nas albufeiras para usos prioritários nos concelhos abastecidos por sistemas críticos.

3 Rever os títulos de utilização dos recursos hídricos para descarga de águas residuais para continuar a garantir a qualidade da água em concelhos abastecidos por sistemas críticos e nas bacias hidrográficas com armazenamento inferior a 20% da capacidade.

4 Financiar através do Fundo Ambiental a instalação de torneiras redutoras de consumo em fontanários públicos, edifícios públicos, incluindo escolas, hospitais, recintos desportivos, entre outros, e de redutores de caudal para as torneiras à população.

5 Recomendar a instalação de contadores pelas entidades gestoras, com vista a promover a diminuição do volume de água não faturada.

6 Recomendar o aumento da tarifa para os grandes utilizadores domésticos durante o período de seca. Recomendação de grande consumidor: a partir do 3º escalão 15 m³ ou mais).

7 Recomendar aos municípios que apliquem medidas de suspensão temporária dos usos não-essenciais de água da rede, designadamente lavagem de ruas, logradouros e contentores, rega de jardins e espaços verdes, novos enchimentos de piscinas, fontes decorativas e atividades com grande consumo de água.

8 Recomendar a definição de penalizações por usos indevidos de água da rede pública.

9 Recomendar a rega agrícola durante a noite.

Concelhos abastecidos por sistemas críticos e bacias hidrográficas com armazenamento inferior a 20% da capacidade:

10 Revisão dos títulos de utilização dos recursos hídricos para captação de água, em função das disponibilidades hídricas.

Setor industrial:

11 Promoção da incrementação de projetos de eficiência dos consumos e na redução das perdas na distribuição.

ANTÓNIO PEDRO SANTOS / LUSA

No dia 8, Graça Freitas assistiu ao início da vacinação da quarta dose aos idosos com 80 ou mais anos.

Vacinação. "É agora que temos de nos proteger. Em dezembro será tarde"

COVID-19 Quinze dias depois do início da campanha de vacinação com a quarta dose, o coordenador do Núcleo de Apoio ao Ministério da Saúde admite que esta começou com "baixa adesão". Até agora, foram vacinadas cerca de 8% da população elegível. O objetivo é vacinar três milhões até ao Natal. E o coronel Penha Gonçalves lança um alerta: "Os picos vão voltar e a única arma que temos para nos proteger é a vacina."

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Portugal foi dos primeiros países da União Europeia a comprar as vacinas já adaptadas às novas variantes para iniciar o processo de reforço com a quarta dose mais cedo. Mas, a verdade, é que esta campanha de outono-inverno começou com "baixa adesão", embora, agora, esteja "a ganhar a velocidade de cruzeiro que se pretende", assume ao *DN* o coordenador do Núcleo de Apoio ao Ministério da Saúde, coronel Penha Gonçalves.

"O nosso objetivo é conseguir vacinar cerca de 30 mil pessoas por dia e isso já começou a acontecer esta semana", sustenta, explicando: "Foi feito um grande esforço para se começar mais cedo a proteção da população, e já com as vacinas adaptadas às novas variantes, porque temos a noção de que em Portugal há sempre um pico ligeiro em novembro, antes de chegarmos ao Natal, e depois outro mais forte em janeiro e fevereiro. E é agora que temos de ganhar proteção para esse horizonte temporal. Por isso, é muito importante que as pessoas percebam que este é o momento de se vacinarem e não de adiarem este processo".

A campanha de reforço para o este outono-inverno, com a quarta dose, começou a 8 de setembro. E até ontem, 15 dias depois, só cerca de 8% da população elegível para esta fase – cidadãos com 60 ou mais anos, pessoas com outras patologias, independentemente da idade, e profissionais de risco, critérios definidos pela Direção-Geral da Saúde – é que tinham sido vacinadas.

Ao todo, cerca de 250 mil pessoas, mas o objetivo é vacinar três milhões. "Pretendemos oferecer a todas as pessoas acima dos 60 anos e às que integram os grupos de risco a oportunidade de serem vacinadas contra a covid antes do Natal, o que perfaz um grupo de três milhões".

O médico militar e investigador, que ontem esteve na reunião semanal de trabalho na Administração Regional de Saúde, já com a presença do novo ministro da Saúde, Manuel Pizarro, e a nova secretária de Estado para a Promoção da Saúde, Margarida Tavares, para os colocar a par do processo, relembra que "o vírus da covid, e o da gripe também, continuam a circular na comunidade, não se foram embora. E a melhor maneira para se conviver com eles e tentar-se ter uma vida o mais normal possível é aderir à vacinação. Esta é a grande arma de proteção que continuamos a ter".

De acordo com o cientista é "provável que os picos de infeções voltem a acontecer e a grande vantagem da vacinação é não termos problemas tão graves como teríamos se não estivéssemos vacinados. É preciso que as pessoas não o esqueçam. Uma pessoa vacinada não tem sintomas graves, não vai ao hospital e não morre. É disto que a vacina nos protege".

O coronel acredita que "esta fase está a seguir um padrão idêntico ao do ano passado. Na semana de arranque houve pouca vacinação, mas depois o processo começou a acelerar". Por outro lado, Penha Gonçalves diz perceber que a população não coloque, nesta altura, a questão do contágio. "Estamos a entrar num outono com temperaturas quentes e é natural que não se tenha a perceção real dos riscos, mas os picos vão aparecer e é preciso prevenir agora, em dezembro será muito tarde", reforça.

Questionado sobre alguns receios das pessoas em relação a esta dose, Penha Gonçalves destaca não haver razões, explicando: "Todas as vacinas que estamos a aplicar, para além de terem a componente contra a variante original, já têm também uma componente contra a variante Ómicron. Portanto, vão dar um espetro de proteção ainda mais alargado do que as vacinas anteriores. Foi por isso que começámos mais cedo esta campanha".

Portugal recebeu na segunda-feira uma tranche de cerca de meio milhão das novas vacinas da Pfizer com a componente já contra as variantes BA.4 e BA.5, sendo esta última a dominante nesta altura. No dia 26 de setembro deve receber mais 400 mil novas doses, o que representa um milhão de doses para esta primeira faixa etária dos 80 ou mais anos.

Tal como nos processo anteriores a vacinação está a ser feita em primeiro lugar à população com 80 ou mais anos, começando depois a baixar para as outras faixas etárias. Penha Gonçalves relembra que todas as pessoas serão convocadas para a quarta dose por SMS e, mesmo os que não conseguirem responder à mensagem por alguma razão, podem comparecer na mesma no local e à hora indicados para fazerem a vacina, "porque temos lá os profissionais e a dose que lhes é destinada".

Para esta fase, o Núcleo de Apoio à Vacinação mantém abertos cerca de 350 postos de vacinação, sendo que 2/3 estão a funcionar em centros de saúde e 1/3 em postos de vacinação fora destas unidades. Em Lisboa, por exemplo, mantém-se os postos no Templo Hindu, em Telheiras, no Pavilhão da Ajuda e nos serviços de saúde camarários, nas Olaias.

Ordem dos médicos apela à adesão à quarta dose

A pouca adesão na primeira semana também preocupou o bastonário da Ordem dos Médicos que, em conjunto com o coordenador do recém-criado Gabinete Estratégico para a Saúde Global, vieram ontem alertar que esta nova fase de vacinação é mais uma etapa no combate ao vírus da covid-19.

Em comunicado, estes dirigentes da Ordem sublinhavam que "o início da nova campanha de vacinação sazonal, com as vacinas de 2.ª geração adaptadas à variante Ómicron, representa uma nova etapa no combate à pandemia e visa prevenir pela vacinação o acréscimo de atividade por SARS-CoV-2 que se prevê que possa ocorrer nos próximos meses", apelando mesmo "à população-alvo convocada pela DGA que adira, sem reservas, à campanha de modo a garantir a máxima imunização e a máxima prevenção nos meses finais da pandemia".

No documento, é ainda salientado ser "fundamental que se mantenha a apertada vigilância clínica, epidemiológica e, em particular, virológica, para monitorizar o impacto da pandemia e o eventual aparecimento de novas variantes ou subvariantes que possam justificar ajustes nas medidas de combate à pandemia".

Recorde-se que a DGS, na semana passada, já veio recomendar à população o uso de máscara sempre que se encontre em locais fechados e com ajuntamentos, nomeadamente transportes públicos e zonas comerciais.

anamafaldainacio@dn.pt

Incidência continua elevada

Tendência. De acordo com o último boletim semanal da DGS, divulgado na passada sexta-feira, a incidência da covid-19 mantinha uma incidência elevada, apresentando, no entanto, uma tendência decrescente. O número de novos casos de infeção por 100 000 habitantes, acumulado a 7 dias, foi de 160 casos. E o R(t) apresentou um valor inferior a 1 a nível nacional e nas regiões Norte, Centro, e Algarve, o que indica uma tendência decrescente de novos casos nestas regiões.

Internamentos. O número de internamentos e a mortalidade específica apresentam uma estabilização. O número de internamentos em (UCI) no continente revelou uma tendência decrescente, correspondendo a 10,6% (no período anterior em análise foi de 12,9%) do valor crítico definido de 255 camas ocupadas. A vigilância da situação epidemiológica deve ser mantida.

No Dia Europeu Sem Carros, o desafio é trocar o automóvel pela bicicleta ou transporte público.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Mais e melhores transportes são solução para cidades mais sustentáveis

AMBIENTE No Dia Europeu Sem Carros, assinalado hoje, desafia-se a população a andar a pé ou de bicicleta para promover a mobilidade suave. Mas para esta ser uma opção durante todo o ano, é preciso criar "alternativas viáveis".

TEXTO **FRANCISCO DE ALMEIDA FERNANDES**

Cerca de um quarto das emissões totais de dióxido de carbono (CO^2) na União Europeia (UE) tiveram, em 2019, origem no setor dos transportes. Os dados da Agência Europeia do Ambiente são claros sobre a quota-parte de responsabilidade que cabe à rodovia, com 72% dos gases com efeito de estufa. No Dia Europeu Sem Carros, assinalado hoje, o desafio lançado à sociedade é para que troque o automóvel pela bicicleta ou pelo transporte público, incentivando à mobilidade sustentável. "Andar a pé tem sido muito esquecido, embora se tenha avançado um bocadinho nos percursos de bicicleta em Portugal", aponta ao *DN* João Farinha.

O professor de Urbanismo Sustentável na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (FCT-Nova) acredita, porém, que é preciso superar desafios que dificultam a adoção de soluções sustentáveis. Em particular, a qualidade dos transportes públicos.

"É preciso que tenhamos alternativas viáveis. Por exemplo, não se percebe porque é que a rede do Metro de Lisboa não é muito maior", afirma.

Apesar de reconhecer que a capital tem dado passos na direção certa, com a aposta na construção de ciclovias e na extensão do alcance do metropolitano, João Farinha diz ser preciso fazer mais.

"É preciso lideranças corajosas nas autarquias para conseguir estas mudanças. Há sempre reações de resistência e as lideranças têm medo de perder votos", critica.

Ainda assim, o especialista deposita esperança na "dinâmica positiva" criada pelo exemplo de outras cidades, que favorece uma competição saudável entre municípios para implementarem medidas que promovam a mobilidade sem impacto ambiental. O professor afirma que as pessoas acabarão por "decidir-se por algo mais amigo do ambiente" se tiverem alternativas ao automóvel "mais apelativas a nível de custo, segurança e tempo gasto".

> "É preciso lideranças corajosas nas autarquias para conseguir estas mudanças. Há sempre reações de resistência e as lideranças têm medo de perder votos", critica João Farinha.

Deslocações de 15 minutos. Realidade ou utopia?

Cunhado pelo urbanista Carlos Moreno, em 2016, o conceito da Cidade de 15 Minutos foi uma ideia que nasceu em Paris, onde dá aulas, como solução para diminuir o impacto ambiental das deslocações nas metrópoles.

O plano é simples – desenhar e planear as cidades de forma a garantir que a maioria das movimentações diárias dos cidadãos não demore mais do que 15 minutos. Isto implica, necessariamente, uma nova forma de olhar os hábitos de vida da generalidade das pessoas, que devem, de acordo com o termo, viver perto do seu local de trabalho, da escola e dos principais serviços de que precisam, como um balcão das finanças, uma agência bancária ou restaurante.

A capital francesa decidiu arriscar e implementou o conceito, mas não sem enfrentar duras críticas e a oposição de muitos parisienses.

"O conceito é bastante interessante porque liga dois grandes sistemas que, às vezes, estão de costas voltadas: o sistema de mobilidade e transportes, e o sistema urbano e das suas atividades", comenta João Farinha.

"Proximidade" é a palavra que mais importa em toda esta equação pela sustentabilidade. "Se pudermos aceder pela proximidade, em vez de o fazer pela mobilidade, eliminamos os gastos indesejados de energia e a poluição". Com melhores transportes públicos e passeios largos e com piso apropriado, seria possível a Portugal caminhar mais depressa em direção à redução da utilização do transporte individual, que ainda pesa muito no país. Aliás, segundo o Eurostat, em 2019 existiam 530 automóveis por cada 1000 habitantes, acima da média europeia de 520.

Carlos Moreno revelou, em várias intervenções públicas, que o uso do carro em Paris diminuiu e que os habitantes se têm demonstrado satisfeitos com a recuperação do espaço público para utilização pedonal. A pandemia foi, garante, um grande impulsionador da aplicabilidade do seu conceito, já que obrigou a repensar o modelo de trabalho. "A Cidade dos 15 Minutos é fantástica, temos é de ter a habilidade de a aplicar em Portugal", afiança.

Comboios de bicicleta

Ainda antes do nascimento deste conceito, em 2015, já o projeto *CicloExpresso* procurava encontrar meios suaves para o transporte das crianças até às escolas. A ideia começou pela zona do Parque das Nações, em Lisboa, e rapidamente se estendeu a outras áreas da cidade.

"A modalidade mais habitual é um comboio que acontece uma vez por semana, mas também já tivemos casos de comboios diários", explica Luís Vieira, responsável da cooperativa BiciCultura, que gere a iniciativa.

O objetivo passa por "lançar o bichinho" da bicicleta nas famílias, que podem inscrever as crianças de forma gratuita. As deslocações, sublinha Luís Vieira, são seguras e sempre acompanhadas por um ou mais "maquinistas" adultos, que recebem formação adequada para se relacionarem com os mais novos e para implementar as medidas de proteção necessárias.

O financiamento do projeto cabe às autarquias, como a de Lisboa, que subiu a bordo em 2019. Mas para que fosse possível alargar o projeto a outras regiões do país, a BiciCultura conquistou o apoio do Fundo+Plus, da Casa do Impacto, e está neste momento a preparar a chegada a cinco novas cidades. "O programa promove o uso intensivo da bicicleta pelas crianças", diz Luís Vieira, que espera continuar a ver o movimento a crescer.

Opinião
Rute Agulhas

A figura do Encarregado de Educação e o divórcio

Os pais separados ou divorciados deparam-se muito frequentemente com um problema sério – a escola dos seus filhos refugia-se na figura do Encarregado de Educação (EE) para apenas com ele comunicar, deixando de fora o outro progenitor, que se vê privado da informação escolar relativa ao seu filho.

A figura do EE e as suas responsabilidades estão bem definidas (Artigo 43.º da Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro, que aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar). No entanto, uma leitura atenta da referida lei permite-nos compreender que esta estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos Básico e Secundário (não prejudicando a sua aplicação ao Pré-escolar) e o compromisso **dos pais ou Encarregados de Educação** e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação (negrito nosso).

E porquê este negrito? Porque falamos de pais **ou** EE, o que significa que a figura singular do EE não anula os direitos nem as responsabilidades dos pais que não se assumem como EE.

Muitos pais e mães deslocam-se às escolas dos seus filhos, em vão, procurando obter informação sobre a educação dos mesmos. Muitas escolas recusam reunir ou dar qualquer tipo de informação e limitam-se a acreditar (ingenuamente, diria eu) que o EE partilha com o outro progenitor a informação relevante.

A verdade é que muitos EE não partilham qualquer informação escolar da criança com o outro progenitor, que permanece num vazio angustiante. "O meu filho está a adaptar-se bem? Tem amigos? Quais são os seus resultados académicos? Que dificuldades experiencia?"

Neste contexto, e sublinhando que todos os pais têm direito à informação sobre a educação e condições de vida do filho, mesmo que não exerçam, no todo ou em parte, as responsabilidades parentais (n.º 7 do Artigo 1906.º do Código Civil), **as escolas devem**:

– Prestar as informações que sejam solicitadas pelo progenitor não residente ou pelo progenitor que não exerça as responsabilidades parentais (portanto, pelo progenitor que não é o EE);

– Permitir a convivência e os contactos pessoais da criança com qualquer dos progenitores (p. ex., deixar ou recolher a criança na escola, participar num evento festivo), salvo se existir decisão judicial que os proíba;

– Estimular a comunicação entre os progenitores nas decisões sobre o percurso escolar do menor, uma vez que, em regra, as responsabilidades parentais relativas às questões de particular importância para a vida do filho menor são exercidas em comum por ambos os progenitores.

Urge informar e esclarecer as escolas sobre estas questões, para que o acesso à informação sobre a educação da criança seja uma realidade para todos os pais, independentemente de serem, ou não, a figura do EE.

As crianças agradecem.

> **"A verdade é que muitos Encarregados de Educação não partilham qualquer informação escolar da criança com o outro progenitor, que permanece num vazio angustiante. 'O meu filho está a adaptar-se bem? Tem amigos? Quais são os seus resultados académicos? Que dificuldades experiencia?'."**

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal

Opinião
Jorge Conde

Desequilíbrios na oferta de Ensino Superior

Está a começar o ano letivo, com as cidades a encherem-se de estudantes. Mais de 140 localidades recebem este ano alunos do Ensino Superior. Nos últimos 10 anos, só nos cursos tradicionais o número de candidatos a frequentar um curso superior público cresceu 52%. Na primeira fase, 81% estudantes conseguiram ser colocados, o que corresponde a um crescimento de 33% nos mesmos 10 anos.

O facto de existirem *numerus clausus* faz com que nem todos estudem o que queriam, nem onde queriam, com 52% dos alunos a conseguir estudar na sua primeira opção e 84% a poder optar por uma das suas 3 primeiras escolhas.

O país há muito que diversificou a oferta de cursos e opções de estudo, sendo conhecido que, para além destes jovens que agora acederam ao ensino convencional, são muitos os que estudam no Ensino Superior que optam por realizar Cursos Superiores Técnicos vocacionados para a obtenção de uma profissão concreta.

Podemos por isso constatar que, apesar da quebra da natalidade, estudar continua a ser um destino atrativo e são cada vez mais os que acreditam nisso. Apesar das despesas inerentes, altas, como é exemplo o alojamento, a alimentação e as deslocações, as famílias continuam a acreditar que o esforço é compensador e que um diploma superior é uma garantia de futuro.

Apesar dos bons resultados do setor, é preciso proceder a alguns ajustes. Por um lado, necessitamos de mais estudantes em determinadas áreas, em que o mercado de trabalho irá atravessar grandes carências e por outro temos áreas de estudo cuja oferta está sobredimensionada. Muito falada e muito preocupante presentemente é a formação de professores que não tem conseguido atrair jovens suficientes, colocando o problema de, num prazo muito curto, não haver professores suficientes. Este ano os candidatos em 1.ª opção foram bastante menos do que as vagas que existiam disponíveis. A eventual falta de professores não é por isso falta de esforço das instituições de Ensino Superior, mas antes falta de atratividade da profissão. Outras áreas há onde também o número de oportunidades disponibilizadas suplanta em muito a procura, como é o caso da Agricultura, da Construção, das Indústrias Transformadoras e mesmo da Engenharia ou da Informática. É precisamente nestas áreas que estão a maioria das vagas para os que ainda se vão candidatar numa segunda fase. Em contraponto, áreas como a Saúde, o Jornalismo, o Direito ou a Veterinária quase não oferecem já oportunidades para o corrente ano.

Mas se nas áreas de formação há desequilíbrios, eles também acontecem a nível geográfico. A taxa de ocupação das instituições de Lisboa e do Porto, onde se situam 40% das vagas, foi de 99%, em contraponto às instituições do litoral que preencheram 95% e ao interior que preencheu 78%.

Os números, ano após ano, confirmam a necessidade de ajustar a oferta, mas fundamentalmente de sermos capazes de tornar o país mais coeso. A aposta que tem sido feita de um ensino menos fechado nos corredores e mais coproduzido com o tecido empresarial, social e territorial é o caminho que pode transformar Portugal. Mas para isso é preciso que as empresas apostem em melhores salários, que as autarquias apostem em maior atratividade para os seus territórios e que o governo incentive, pelas vias ao seu alcance, todo este caminho.

> **A aposta que tem sido feita de um ensino menos fechado nos corredores e mais coproduzido com o tecido empresarial, social e territorial é o caminho que pode transformar Portugal."**

Presidente do Instituto Politécnico de Coimbra

O famoso questionário Proust respondido pela co-fundadora e *Head of Program* da Teach for Portugal, Maria Azevedo

"O código postal de uma criança não pode determinar as oportunidades que tem na vida"

A sua virtude preferida?
Resiliência, humildade, capacidade de encontrar a própria felicidade dedicando a sua vida aos outros.

A qualidade que mais aprecia num homem?
O compromisso na construção de um mundo melhor, evidenciado pelas suas ações. Pessoas que põem o bem comum acima do seu próprio.

A qualidade que mais aprecia numa mulher?
A mesma. O mais importante é o ser humano, independentemente de ser homem ou mulher.

O que aprecia mais nos seus amigos?
Saber fazer-se presente.

O seu principal defeito?
Por vezes tendo evitar o conflito, o que faz com que nem sempre atue de acordo com os meus valores.

A sua ocupação preferida?
Tempo com os meus 3 filhos, livre de obrigações ou planos.

Qual é a sua ideia de "felicidade perfeita"?
Saber todos os dias que o que faço contribui para um mundo melhor, pessoal e profissionalmente.

Um desgosto?
Não acho que qualquer momento menos bom por que tenha passado possa ser um desgosto. Talvez o momento mais difícil tenha sido a morte da minha avó, uns meses antes de nascer o meu primeiro filho.

O que é que gostaria de ser?
Sinto-me feliz com o que sou, mas estou comprometida com a melhoria e crescimento contínuos.

Em que país gostaria de viver?
Já vivi em Londres, Madrid e na Índia. Neste momento, quero manter-me no Porto, perto da minha família.

A cor preferida?
Amarelo mostarda.

A flor de que gosta?
Peónias.

O pássaro que prefere?
Andorinhas.

O autor preferido em prosa?
Impossível de responder, alguém que me transporte para uma história ou outra realidade, alguém que me mostre o mundo de outra perspetiva. Alguém que me faça pensar.

D.R.

Poetas preferidos?
Sophia de Mello Breyner, por ter sido a primeira e continuar a ser fácil voltar a ela.

O seu herói da ficção?
Nenhum em particular.

Heroínas favoritas na ficção?
A Mafalda, pela sua visão tão perspicaz do mundo.

Os heróis da vida real?
As mulheres da minha família – mãe, irmã, avós, tias – pela atitude de alegria no serviço e cuidado aos outros.

As heroínas históricas?
Todas as que lutaram e lutam para igualdade de oportunidades para as mulheres.

Os pintores preferidos?
Cargaleiro, Helena Vieira da Silva e Van Gogh.

Compositores preferidos?
Depois de 20 anos a fazer *ballet*, não podia deixar de ser Tchaikovsky e, para ouvir só, Sergei Rachmaninoff.

Os seus nomes preferidos?
Tiago, Xavier e Maria Miguel, os nomes dos meus filhos.

O que detesta acima de tudo?
O egoísmo nas suas diferentes formas.

A personagem histórica que mais despreza?
Todas as que desprezam a vida humana na luta pelo poder.

O feito militar que mais admira?
Não acho que um feito militar seja melhor do que qualquer ato diplomático e a via do diálogo. Ainda assim, a *Revolução dos Cravos*, por ter representado um salto no desenvolvimento das liberdades de cada um, de forma pacífica.

O dom da natureza que gostaria de ter?
Capacidade de se reconstruir e adaptar continuamente.

Como gostaria de morrer?
Com a sensação de dever cumprido.

Estado de espírito atual?
Sensação de estar sempre a correr atrás do prejuízo, sendo mãe de 3 filhos pequenos e a gerir a organização social Teach for Portugal.

Os erros que lhe inspiram maior indulgência?
Os que são assumidos de forma genuína.

A sua divisa?
O código postal de uma criança não pode determinar as oportunidades que tem na vida.

Atividades escolares de apoio à família abrem conflito judicial entre pais e Freguesia do Lumiar

LISBOA O Executivo de Ricardo Mexia assumiu este ano letivo a gestão direta das seis AAAF e CAF da freguesia, mas um grupo de pais acusa a autarquia de ilegalidade e interpôs uma providência cautelar, que foi aceite pelo tribunal.

Ricardo Mexia, presidente da Junta de Freguesia do Lumiar, diz que protesto não representa a maioria do pais.

ORLANDO ALMEIDA / GLOBAL IMAGENS

TEXTO **ANA MEIRELES**

Um diferendo sobre as Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF) e Componente de Apoio à Família (CAF), referente ao Jardim de Infância e ao 1.º ciclo, respetivamente, levou um grupo de pais a interpor uma providência cautelar no Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa para que a Junta de Freguesia do Lumiar fosse impedida de fazer a gestão direta destas componentes, função que a autarquia assumiu na totalidade neste ano letivo.

A providência cautelar foi aceite pela juíza Mariana Sousa Abrunhosa e a primeira reação da junta foi na terça-feira à tarde, assim que foi notificada da decisão, tendo anunciado aos agrupamentos escolares a suspensão destas atividades. Contudo, ontem de manhã os alunos não notaram qualquer diferença, afinal a Junta de Freguesia do Lumiar já havia respondido no dia anterior ao tribunal, remetendo uma resolução fundamentada invocando interesse público, o que suspende, para já, a decisão judicial.

No centro da revolta do grupo de pais está o facto de a Junta de Freguesia do Lumiar ter decidido, no âmbito da delegação de competências da Câmara de Lisboa, assumir a gestão direta das AAAF e CAF que até agora era feita, nomeadamente, pelas entidades contratadas AJEC e Educar a Sorrir, uma mudança que estes pais dizem ter sido feita de forma "brusca e sem planeamento".

Nesse sentido, este grupo de pais lançou em julho uma petição destinada à presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, Rosário Farmhouse, e aos representantes do pelouro da Educação da Câmara de Lisboa – que até agora foi assinada por 467 pessoas – pedindo a revogação da alteração das entidades prestadoras de serviços de CAF e AAAF.

No início de setembro foi entregue ao Tribunal Administrativo de Círculo de Lisboa uma providência cautelar onde era pedido que fosse "decretada a intimação da Junta de Freguesia, para se abster no presente ano letivo de 2022/2023 de fazer a gestão direta das Atividades de Tempos Livres, em causa, em todas as escolas", alegando que "toda a sua atuação nesta matéria viola o estabelecido" no Decreto-lei (n.º 21/2019 de 30 de janeiro, artigo 39.º, 40.º e 41.º) e na Portaria (nº 644-A/2015, de 24 de agosto) que regulam estas atividades.

É que, segundo os peticionários, "resulta à evidência que a Junta de Freguesia do Lumiar não só não reúne, neste momento, a capacidade para garantir com a devida qualidade estas atividades de tempos livres às crianças, como também não tem competências válidas delegadas para o seu exercício", justificando com o facto de "as deliberações, aprovadas na reunião extraordinária de 16 de agosto, enfermarem de vícios invalidantes graves".

No mesmo requerimento é ainda pedido pelo grupo de pais que "seja decretada a suspensão de eficácia das duas deliberações da Assembleia de Freguesia do Lumiar, aprovadas na primeira reunião extraordinária de 16 de agosto de 2022, e de todos os atos subsequentes praticados pela junta de freguesia, como consequência de tais deliberações, dado enfermarem as mesmas de invalidades que impõem a sua suspensão de efeitos".

Este grupo refere ainda que tendo em conta o "papel ativo e fiscalizador" dos pais e encarregados de educação, a sua petição pública, subscrita *online* a 26 de julho de 2022, "comprova sobejamente a oposição dos pais a este modelo de gestão direta", por "não reconhecerem capacidade" à junta de freguesia, sendo que também comprova "toda a intempestividade e ilegalidade deste processo de transição". Nesse sentido, defendem, ser da "maior cautela e prudência, que se estabeleça um período de transição para o novo sistema de gestão direta, não inferior ao presente ano letivo de 2022/2023".

> Grupo de pais anunciou que será hoje recebido, à hora de almoço, por Carlos Moedas, presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Junta trava decisão

Ricardo Mexia, presidente da Junta de Freguesia do Lumiar, começa por dizer ao *DN* que esta providência cautelar não representa a vontade das associações de pais ou dos estabelecimentos de ensino, tendo em conta que foi interposta por apenas três requerentes.

"Numa reunião expressamente convocada para o efeito, que ocorreu no dia 31 de agosto, ainda antes de iniciarmos as atividades, houve um pai que foi apresentar a sua perspetiva sobre esta providência cautelar – julgo até que é um dos promotores –, que foi rejeitada por uma esmagadora maioria dos presentes", refere o autarca. "Não foram grupos de pais, foram três pessoas. Quer estabelecimentos escolares, quer associações de pais, demarcaram-se desta iniciativa", garante.

Confrontado com o facto de a petição inicialmente lançada pelo grupo de pais insatisfeitos com a gestão direta da junta de freguesia das AAAF e CAF ter sido assinada por 467 pessoas, Ricardo Mexia não contesta esse número, dizendo talvez se deva a um erro de perceção sobre o que havia sido explicado aos pais. "Julgo que houve um número importante de pessoas que, na altura, não terá sido devidamente esclarecida sobre o que estava em causa", argumenta.

O autarca do Lumiar contesta a acusação de que esta mudança de gestão tenha sido brusca, defendendo que não foi propriamente uma inovação, tendo em conta que no último ano letivo a junta de freguesia já geria diretamente três das seis AAAF e CAF. "Entendemos que tínhamos melhores condições para prestar esses serviços à nossa população e, por isso, passámos dos três que já tínhamos em gestão direta para os seis que existem na freguesia", justifica.

Na terça-feira à tarde, a junta foi confrontada com a decisão do Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa, que decidiu admitir "liminarmente o requerimento inicial", o que levou a vogal Joana Barata Lopes, que tutela a Educação, a enviar um comunicado aos agrupamentos escolares dizendo o ocorrido iria obrigar "a junta de freguesia a suspender o serviço de AAAF e CAF" já a partir desta quarta-feira.

Tal não veio a acontecer pois, ainda na terça-feira, a Junta de Freguesia do Lumiar respondeu ao tribunal através de uma resolução fundamentada – a única forma, segundo a juíza, de travar a suspensão do serviço – invocando interesse público. "Isto é um serviço absolutamente essencial para as famílias e para as crianças e, como tal, hoje [*ontem*] lá estiveram os nossos monitores e coordenadores a receber as crianças com o mínimo de disrupção", frisa Ricardo Mexia ao *DN*. "A situação está, neste momento, a funcionar e estará até informação em contrário."

Entretanto, em comunicado, o grupo de pais revelou que serão recebidos hoje, à hora de almoço, por Carlos Moedas, presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

ana.meireles@dn.pt

Governo dividido com redução transversal do IRC de 21% para 19%

ACORDO Depois de Costa Silva ter defendido a medida, Fernando Medina pede reserva e remete para as negociações com parceiros sociais. Portugal pratica a taxa máxima mais elevada da OCDE.

TEXTO **SALOMÉ PINTO**

Governo e PS não se entendem quanto à descida do IRC no âmbito do tão anunciado e adiado Acordo de Competitividade e Rendimentos que, nas palavras do primeiro-ministro, António Costa, visa aumentar o salário médio em 20% nos próximos quatro anos. Depois de o ministro da Economia e do Mar, António Costa Silva, ter revelado que era intenção do executivo reduzir de forma transversal a taxa nominal do imposto, ontem, o ministro das Finanças, Fernando Medina, veio pôr água na fervura e atirou uma decisão para as negociações com os parceiros sociais.

Para o homem da pasta das Finanças, uma mexida nos impostos "é matéria que está numa negociação de boa-fé, de espírito aberto, de diálogo e respeito pelos parceiros na mesa das negociações e não na praça pública", afirmou Medina à margem do *7.º Congresso dos Contabilistas Certificados*, que decorre em Lisboa até sexta-feira. E defendeu que, "nesta matéria do IRC, como em toda a matéria do acordo, o governo tem uma voz". Ora o tom de Fernando Medina, assim como o do secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, António Mendonça Mendes, que já recusou um choque fiscal, não afina pelo mesmo diapasão de Costa Silva.

Dentro do PS também não existe unanimidade neste dossiê, sabe o *DN/Dinheiro Vivo*. Há os que concordam com uma descida do imposto de forma geral, outros preferem que seja uma contrapartida para aquelas empresas que aumentem salários ou reinvistam os seus lucros, tese que tem sido mais defendida por António Costa. Medina destacou ainda que "as posições de partida do executivo constam do programa do governo e incluem favorecer um "apoio forte, significativo ao investimento, à capitalização das empresas, à inovação e à tecnologia".

A proposta do governo só será dada a conhecer a patrões e sindicatos na primeira reunião da comissão permanente da concertação social dedicada ao acordo de rendimentos, que se realizará no dia 28 de setembro. De resto, a reunião de ontem do grupo de trabalho entre os secretários de Estado do Trabalho e dos Assuntos Fiscais e os parceiros sociais "não deu em nada", afirmou a dirigente da CGTP, Ana Pires, ao *DN/ Dinheiro Vivo*. "Esta foi a quinta reunião e o governo continua a não apresentar propostas o que leva a questionar a utilidade deste grupo", critica. As confederações sindicais e patronais esperavam algo de novo neste encontro, sobretudo depois das declarações do ministro da Economia e do presidente da CIP – Confederação Empresarial de Portugal, António Saraiva, que disse estar confiante numa redução transversal do IRC de 21% para 19%.

O ministro das Finanças, Fernando Medina, defende que as negociações não devem ser na praça pública.

STEPHANIE LECOCQ / EPA

Analisando as últimas estatísticas da Autoridade Tributária (AT), referentes a 2020, verifica-se que das quase 522 mil declarações de IRC entregues, apenas 39,6% pagaram imposto.

Ao *DN/Dinheiro Vivo*, o especialista em direito fiscal, João Espanha, esclarece que "este valor tão reduzido se deve à economia paralela que é muito grande no país". "Existem milhares de empresas que cobram sem fatura, porque fica mais barato e, assim, não têm os custos associados às obrigações declarativas do IRC", justifica Espanha. Mas se tão poucas empresas liquidam o imposto, a maioria das quais são grandes companhias, faz sentido baixar a taxa nominal? "Sim, porque um euro a mais nas empresas é um euro a mais na economia", defende João Espanha. "Sejam micro, pequenas, médias ou grandes empresas, todas vão beneficiar em maior ou menor grau deste alívio fiscal", defende o fiscalista. Quanto ao problema da evasão fiscal, deve ser atacado por outra via. Espanha considera que o governo deve "criar um regime simplificado, um imposto mínimo especificamente dirigido às micro e pequenas empresas". Na ótica do especialista, "reduzir o IRC para as empresas que investem não é eficaz, as empresas investem quando o negócio corre bem e aí uma baixa de impostos é uma grande ajuda".

> Só cerca de 40% das empresas paga imposto. Fiscalista João Espanha defende regime simplificado para micro e pequenas empresas de modo a evitar a economia paralela.

Portugal é dos 38 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) o que tem a taxa máxima de IRC mais elevada: 31,5%. Neste valor incluem-se várias componentes: "taxa nominal de 21%, derrama municipal que pode ir até 1,5% e derrama estadual que pode ir até 9% para lucros superiores a 35 milhões de euros", além das tributações autónomas sobre os gastos das empresas, explica João Espanha. O fiscalista defende mesmo que a derrama estadual "deveria ser eliminada porque é um forte desincentivo à atração de investimento internacional, das grandes multinacionais".

Já a taxa efetiva de IRC, ou seja, o valor do imposto pago face ao lucro contabilístico das empresas tem diminuído e caiu de 19% para 18,4% em 2020, atingindo níveis de 2009, segundo as últimas estatísticas da Autoridade Tributária. Desde 2011, quando atingiu os 17,2%, que a taxa não era tão baixa.

salome.pinto@dinheirovivo.pt

Apoios e meia pensão livres de penhoras

Os apoios diretos de 125 euros a titulares com rendimentos até 2700 euros brutos mensais e os 50 euros a atribuir por dependente até aos 24 anos bem como o bónus de mais meia pensão não poderão ser penhorados, segundo as propostas de alteração do PS ao pacote de medidas do governo, aprovadas ontem pelo Parlamento. Atualmente a lei já liberta de penhoras os apoios sociais, mas o PS quis que não restassem dúvidas.

Fonte da bancada socialista revelou ao *DN/Dinheiro Vivo* que o grupo parlamentar teve conhecimento de cidadãos com bens penhorados que questionaram a Autoridade Tributária sobre se os apoios que agora teriam direito não seriam também apreendidos e as respostas foram ambíguas. Nuns casos, o Fisco considerou que tinham o estatuto de prestação social logo os apoios não seriam penhorados. Noutras situações, a interpretação era contrária.

No caso do complemento extraordinário de meia pensão, que será paga aos reformados da Segurança Social e da Caixa Geral de Aposentações com prestações até 5318,4 euros mensais, os socialistas também quiseram salvaguardar de que não seria alvo de penhoras.

Isto porque as pensões, como são consideradas rendimentos, podem ser apreendidas pelo Fisco, Segurança Social ou outras entidades financeiras, bancárias e de seguros perante a existência de dívidas. Assim, também o complemento da pensão é considerado um apoio social excecional e, como tal, não pode ser penhorado.

Outra das alterações propostas pelo PS passa por permitir o resgate de planos de poupança (nas versões PPR e PPR/E) sem penalização até ao limite mensal do Indexante de Apoios Sociais (IAS), que está nos 443,2 euros, sendo a medida válida até 31 de dezembro de 2023. **S.P.**

salome.pinto@dinheirovivo.pt

Exportações da indústria cerâmica atingiram 813 milhões de euros em 2021, o melhor ano de sempre.

Nova marca vai promover cerâmica nacional na Europa e Estados Unidos

INTERNACIONALIZAÇÃO A Portugal Ceramics resultou de um investimento de quase um milhão de euros e tem como objetivo elevar perceção da qualidade da cerâmica portuguesa em mercados-chave.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Portugal Ceramics é a marca criada pela Associação Portuguesa das Indústrias de Cerâmica e de Cristalaria (APICER) para promover o setor nos mercados internacionais e que hoje é formalmente apresentada no Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões. O objetivo é conseguir um novo posicionamento da cerâmica portuguesa, em especial na área decorativa e utilitária e dos revestimentos e pavimentos, que permita "ultrapassar a imagem de produto *low cost* tantas vezes associada a Portugal".

"A marca Portugal Ceramics vem responder à necessidade de conseguir uma identidade cuja essência seja capaz de influenciar a perceção que os diferentes mercados e atores da cadeia de abastecimento – distribuidores, prescritores, *designers*, arquitetos e consumidores – têm da cerâmica portuguesa", diz o novo presidente da associação. Sob o mote "A Arte da Possibilidade", a nova marca é o resultado do projeto Intercer – Promoção da Internacionalização da Cerâmica Portuguesa, num investimento total de quase 931 mil euros, apoiado pelo Compete 2020, e pretende comunicar, de forma "coerente e consistente" os "valores fundamentais" da indústria: qualidade, *design* e inovação dos produtos cerâmicos, sem esquecer as questões da sustentabilidade, "como um dos pilares de valorização do setor", sustenta José Cruz Prata.

A escolha do mote *Arte da Possibilidade* pretende precisamente ilustrar a "predisposição das empresas para resolverem problemas e serem prestáveis", procurando encontrar a solução mais adequada aos desafios dos seus clientes.

Este é um setor constituído por 1092 empresas, maioritariamente microempresas – do total, só 175 têm dez ou mais trabalhadores –, e que dão emprego a 18 196 trabalhadores, assegurando um volume de negócios de mais de 1100 milhões de euros. O ano de 2021 foi o melhor de sempre para as exportações da fileira, que atingiram os 813,2 milhões de euros, repartidos por 158 mercados internacionais. França, Espanha, Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido são os principais.

> O setor, que reúne mais de mil empresas, está a ser fortemente atingido pelo aumento dos preços do gás natural e da eletricidade.

Quanto aos objetivos, e no que ao crescimento das exportações diz respeito, a verdade é que, embora o projeto só termine em junho de 2023, a meta definida foi já ultrapassada em 2021. O Intercer arrancou em 2020, tendo como ponto de partida exportações da cerâmica utilitária e decorativa e dos pavimentos e revestimentos de 513,5 milhões de euros. O objetivo então traçado, para 2023, era de chegar aos 550 milhões. Na verdade, em 2020, com a pandemia, as exportações destes dois subsetores caíram para 508 milhões, mas, em 2021, ultrapassaram já os 615 milhões.

No global, a fileira cresceu 22,7% nos primeiros sete meses do ano, para 594 milhões de euros, mas José Cruz Prata salienta, no entanto, que "na perspetiva das empresas este aumento resulta da atualização dos preços do produto, pois em termos de volume verificou-se uma diminuição de produção". Uma quebra que não quantifica, lembrando, apenas, que, enquanto setor fortemente consumidor de eletricidade e gás natural, a cerâmica "está a ser seriamente afetada pela evolução dos preços da energia elétrica e combustíveis". Lembra este responsável que o peso do gás natural na estrutura de custos das empresas "é de tal forma elevado" que os aumentos que se têm vindo a verificar no preço do gás "colocam em causa a sustentabilidade das suas empresas". Sobre as medidas de apoio recentemente anunciadas pelo Governo, José Cruz Prata opta pela estratégia diplomática: "Naturalmente que todas as medidas de apoio são bem-vindas, mas, ainda assim, insuficientes", frisa. A nova marca, para a qual foi desenvolvido um *site* específico, bem como catálogos, brochuras e diversos suportes à comunicação, será intensamente promovida através do meios digitais, mas também com ações promocionais em feiras internacionais, designadamente na Alemanha, França e Itália, mas também nos Estados Unidos.

Quanto ao número de empresas que poderão beneficiar, indiretamente, de todo este trabalho, a APICER refere apenas que, tratando-se de um projeto do Sistema de Apoio a Ações Coletivas – Internacionalização, as empresas do setor não serão diretamente beneficiárias nem terão uma participação ativa nas ações de promoção a realizar. "O que se pretende é promover todo o setor e as empresas que o integram, evidenciando uma natureza coletiva, abrangente e não discriminatória que possa dar resposta a riscos e oportunidades comuns de um conjunto alargado de empresas", frisa José Cruz Prata.

O projeto Intercer termina em junho de 2023 e não faltam associados a pedir a sua continuação e reforço do investimento.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Airbus em Coimbra em 2023 é "um virar de página"

No início do próximo ano entram no novo escritório da Airbus, em Coimbra, os primeiros recrutados para a área de *Global Business Services Centre*. O novo investimento foi anunciado ontem. À conversa com o *DN*, o presidente da câmara municipal daquela cidade, José Manuel Silva, diz ser "um investimento muito importante em termos quantitativos e qualitativos", representando "uma aposta em Coimbra de uma multinacional que é o maior construtor de aviação".

Depois de a Airbus se instalar em Lisboa, no ano passado, "fez uma avaliação de várias cidades nacionais [Braga, Guimarães e Aveiro] e Coimbra distinguiu-se pelo talento produzido na Universidade e no Instituto Politécnico. Temos 40 mil alunos no Ensino Superior, produzimos 8 mil licenciados por ano e temos um ecossistema que propicia o empreendedorismo. É a única cidade no país sede de um unicórnio, a Feedzai", recorda. Esta aposta é um "virar de página" na cidade e "já criámos uma via verde de apoio ao investimento", além de que vamos ter uma "divisão de turismo" para dinamizar a área.

A Airbus vai "arrancar com 50 trabalhadores, está estabelecida a meta de chegar a 100 e, a partir daí, o céu é o limite", diz o autarca. Na mira do recrutamento da Airbus estão colaboradores nas áreas de contabilidade, *procurement*, *IT systems*, recursos humanos e *travel & expenses*. Em Lisboa, onde já tem 350 pessoas, há lugar para mais 100 até ao final do ano.

ROSÁLIA AMORIM

José Manuel Silva
Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Dor Shapira
"O maior problema entre israelitas e palestinianos é a falta de confiança"

DIPLOMACIA Um ano depois de assumir o cargo de embaixador de Israel em Portugal, Dor Shapira fala ao *DN* sobre as áreas em que os nossos dois países podem cooperar mais, do turismo à cibersegurança. Além do conflito com os palestinianos, aborda ainda os Acordos de Abraão, que ajudou a negociar, a guerra da Ucrânia e o esforço de mediação israelita e ainda o perigo do Irão.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO**

Está há um ano como embaixador em Portugal. O que o surpreendeu mais e qual foi o maior desafio nestes meses?
Cheguei há um ano e, na altura, não sabia verdadeiramente o que esperar de Portugal. Porque é diferente de outros países da Europa e dos EUA. Mas fiquei surpreendido, sobretudo pela positiva. Portugal é um país muito interessante, que tem muitas vantagens. É um daqueles países que têm um futuro muito bom pela frente, desde que siga na direção certa. E, como embaixador, vejo muitas oportunidades de trabalhar em conjunto.

E qual foi o maior desafio? A língua, a forma de ser das pessoas? Os portugueses afinal não são assim tão diferentes dos israelitas...
Uma das coisas que me surpreendeu foi o quanto somos parecidos. Não sei se é por estarmos perto do mar, se é o tempo, mas somos parecidos em vários sentidos. E penso que é por isso que é tão fácil o contacto entre portugueses e israelitas. Hoje vemos cada vez mais israelitas a vir visitar Portugal e mais portugueses a ir a Israel. Falei com muitos israelitas que vinham cá pela primeira vez e todos me disseram o mesmo: primeiro que se apaixonaram por este país e pelas suas pessoas e, segundo, que se sentiram em casa.

O turismo é uma das áreas em que podemos aprofundar a relação. Quais são as outras?
O turismo é fundamental. Hoje temos oito voos diretos semanais entre Telavive e Lisboa, na TAP e na El Al. É um recorde. E estão completamente cheios. Infelizmente há muitos mais israelitas a vir a Portugal, gostava que houvesse mais portugueses a ir a Israel. Isso é algo em que vamos trabalhar, para garantir que mais portugueses sabem o que Israel tem para oferecer. Mas mostra que há um enorme interesse dos israelitas por Portugal, do ponto de vista turístico, mas também empresarial. E esse é o segundo aspeto em que tencionamos focar-nos. Israel e Portugal devem sentar-se juntos, nós podemos trazer a nossa experiência, mas também há muita coisa de Portugal que podemos usar. Dou-lhe dois exemplos. Nós temos muita experiência, que o nosso ambiente geopolítico nos obrigou a desenvolver, no que diz respeito à gestão da água. Em Portugal, bem como noutros países da Europa, este é um dos principais problemas. Por outro lado, vocês estão muito desenvolvidos no que se chama "tecnologia azul" [proteção e sustentabilidade dos mares e oceanos]. E essa é uma área em que estamos empenhados a aprender mais. A cibersegurança é outra área em que tendemos a trabalhar bastante com Portugal. A cibersegurança não tem fronteiras. Nós também temos problemas nesse campo, também sofremos ataques. Na área da segurança, defesa, terrorismo, ou ataques criminosos. O problema é o mesmo. Isso é algo em que nós, países ocidentais democráticos, e países que têm a mesma escola de pensamento, temos de trabalhar em conjunto, tanto a nível governamental, como empresarial.

> *"Os Acordos de Abraão provaram que o conflito entre Israel e os palestinianos tem de ser resolvido, mas que essa não deve ser a condição para outros países promoverem relações bilaterais com Israel."*

Um momento de tensão neste ano em que tem sido embaixador em Portugal teve a ver com a atribuição de passaportes a personalidades judias, como Roman Abramovich. Foram apenas alguns maus exemplos numa coisa boa como a nova Lei da Nacionalidade?
Como representante de um governo estrangeiro, não posso criticar ou dar conselhos a outro país sobre as suas leis. Não sei o que aconteceu exatamente. Há uma investigação em curso, estou certo de que a polícia e o departamento de Justiça farão o seu trabalho para apurar se algo foi feito de forma errada. Mas direi duas coisas sobre a Lei da Nacionalidade. Primeiro, penso que foi muito positiva para as relações bilaterais entre Israel e Portugal. Até há uns dez anos, os israelitas não sabiam muito sobre Portugal, mas hoje é um destino muito interessante para turistas, negócios e investimentos israelitas. E isso aconteceu sobretudo graças à Lei da Nacionalidade, que tornou Portugal num destino popular em Israel. E também foi bom para Portugal, porque há mais investidores a chegar. E, em segundo lugar, graças à lei a comunidade judaica em Portugal está a crescer e a ficar mais forte e isso é muito importante numa comunidade que há 500 anos quase desapareceu. Isto é importante para os portugueses. E há cada vez mais organizações dentro da comunidade judaica a surgir graças a esta lei. Por exemplo o Museu Judaico de Lisboa, que vai ser construído, ou o Museu do Holocausto no Porto. Temos de nos focar nas coisas boas desta lei.

Os portugueses estão a aprender mais sobre as suas próprias raízes...
Estão a aprender mais sobre Israel e também sobre si próprios. Viajo muito por Portugal e por onde passo as pessoas falam comigo sobre a sua herança judaica. Não querem voltar ao judaísmo, são cristãos, mas é importante para eles saber mais sobre a história da comunidade judaica em Portugal, sobre o que aconteceu há 500 anos e o que podemos aprender daí para o futuro.

Israel vai, em novembro, para as quintas eleições em 3 anos. Como é que esta instabilidade se reflete no seu trabalho como embaixador? A política externa acaba por mudar pouco consoante o governo?
Claro que as eleições afetam tudo e gostaríamos de ter menos e governos mais estáveis. Nos seus 75 anos de existência, Israel nunca teve um governo maioritário como têm agora em Portugal. Espero que um dia tenhamos. Temos um sistema político diferente. Mas se olhar para a política externa de Israel, não muda drasticamente de um governo para o outro. As eleições acontecem, mas não mudam o rumo do meu trabalho aqui em Portugal. Na promoção de Israel a nível político, empresarial, de pessoa para pessoa. Tudo isso acontece com ou sem eleições.

Antes de vir para Portugal trabalhou na equipa que negociou os Acordos de Abraão. É um caminho que Israel quer seguir, o da normalização de relações com os países muçulmanos?
Na semana passada passaram dois anos da assinatura dos Acordos de Abraão, os acordos de paz entre Israel, Emirados Árabes Unidos e Bahrein, a que mais tarde Marrocos também aderiu e o Sudão iniciou o processo. Quando se olha para os últimos dois anos, vê-se uma mudança estratégica no Médio Oriente. As pessoas acham que os acordos são assinados apenas pelos líderes, mas são para as pessoas. Os líderes que assinaram este acordo por Israel e pelos EUA [Netanyahu e Trump] já nem estão nos cargos. Apesar disso os acordos estão a ser um sucesso. Hoje as trocas comerciais entre Israel e os Emirados são de quase dois mil milhões de dólares/ano. Temos dois voos diretos entre Israel e o Dubai e Abu Dhabi todos os dias. Com muitos turistas israelitas a visitar os Emirados e turistas dos países do Golfo a visitar Israel. Israel e Marrocos assinaram há uns meses um acordo de

RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

defesa, algo impensável há dois anos. Desde os Acordos de Abraão, já assinámos mais de 50 acordos nas áreas das ciências, da saúde, do turismo, etc. Esta é uma mensagem forte para todos os países que ainda não se juntaram a este círculo de paz e que, espero, percebam que, no final de contas, é bom para os seus próprios interesses assinar os acordos. Espero que muitos outros se juntem. A lista de países que não têm relações diplomáticas com Israel está a encolher. É ótimo. Espero que os restantes se juntem a nós. É bom para eles, bom para nós e bom para o mundo.

O conflito israelo-palestiniano já não é um entrave às relações dos países muçulmanos com Israel?

Os Acordos de Abraão provaram que o conflito entre Israel e os palestinianos tem de ser resolvido, mas que essa não deve ser a condição para outros países promoverem relações bilaterais com Israel. Temos de o resolver. É o meu primeiro interesse. É a minha vida e as dos meus filhos que estão em jogo. Mas não deve ser condição para promover a paz no Médio Oriente.

Ainda sobre as relações com países muçulmanos, também com a Turquia tem havido uma reaproximação nestes meses?

A Turquia é diferente. Israel e a Turquia têm estado em paz há muitos anos e as relações entre os dois países eram bastante boas. Nos últimos anos houve uma degradação por motivos políticos vários, mas nos últimos meses as coisas parecem ter voltado ao normal. E o primeiro-ministro Lapid vai mesmo encontrar-se com o presidente Erdogan à margem da Assembleia-Geral da ONU, em Nova Iorque. Estamos *back on business* com a Turquia e espero que assim permaneça, porque a Turquia é um aliado muito importante para nós. E penso que nós também somos um aliado importante para a Turquia.

Em agosto assistimos a uma operação israelita contra a Jihad Islâmica na Faixa de Gaza. Antes houve uma série de ataques em Israel. A paz com os palestinianos parece continuar longe. O que falta para se resolver o conflito? O facto de não haver uma liderança coesa do lado palestiniano torna mais difícil negociar?

Hoje o maior problema entre israelitas e palestinianos é a falta de confiança. E é algo que temos de reconstruir. É o que o meu governo tem tentado fazer nos últimos meses: reconstruir a confiança e dar aos palestinianos meios para se ajudarem a si mesmos. Temos de avançar passo a passo. Já tentámos no passado avançar rapidamente e não funcionou. Para criar confiança temos de agir passo a passo. O problema, como disse, é que é muito mais difícil fazer isto quando em Gaza temos uma organização terrorista que assumiu o poder e que não quer construir confiança, não quer falar connosco, só tem um objetivo: eliminar o Estado Judaico do mapa. Mas como disse o presidente [Shimon] Peres, não nos podemos dar ao luxo de desistir. Os palestinianos vão ter de chegar a um ponto em que terão de decidir quem querem a liderá-los. E que caminho querem seguir – o da luta, do derramamento de sangue, da guerra, dos *rockets* contra Israel, dos ataques terroristas, ou o regresso às negociações connosco para encontrar soluções. Acho que estão a chegar a esse ponto e lá estaremos para nos sentarmos com eles. Mas se for preciso iremos lutar com todas as nossas forças para garantir que não serão organizações terroristas a decidir o que se passa em Israel e a magoar civis israelitas.

Alguns dos ataques em Israel foram feitos por árabes israelitas. Isso torna ainda mais difícil manter o equilíbrio com estes 20% da população?

Temos cerca de 20% de cidadãos árabes que vivem em Israel, têm cidadania israelita e fazem parte da sociedade. Os últimos governos têm procurado garantir que se sentem parte da sociedade israelita, que estão integrados. Claro que há elementos extremistas que temos de combater. E temos de o fazer com os líderes da comunidade árabe. Mas, no fim de contas, são parte do nosso país – temos de os aceitar e trabalhar com eles.

"Eu convido o presidente iraniano a ir comigo a Auschwitz e posso mostrar-lhe o local onde a família dos meus avós perdeu a vida, dando-lhe a grande prova do Holocausto de que ele precisa."

Sendo cidadãos israelitas de pleno direito, porque sentem a necessidade de terem partidos árabes no Parlamento? Sentem que os outros partidos não os representam?

O nosso sistema político está estruturado de forma que as minorias sentem que precisam de ter os seus próprios partidos de modo a ganharem mais para o seu povo no processo político. Não são só os árabes. Os ultraortodoxos têm o seu partido, os religiosos mas não ultraortodoxos também, etc. Há alguns árabes que tentam emergir nos partidos existentes, no *Labour*, no *Meretz*, até no *Likud*. Mas acho que o que aconteceu nas últimas eleições, com os partidos árabes a juntar-se à coligação, foi muito significativo. Temos de ver se é um padrão ou apenas um caso isolado.

Quanto à guerra na Ucrânia, Israel chegou a tentar mediar entre russos e ucranianos. Como olham agora para o conflito?

Israel apoia a Ucrânia, sem sombra de dúvida, votámos nesse sentido na ONU, fomos o primeiro país a ter um hospital de campanha na Ucrânia. Temos dado muito apoio ao povo ucraniano, porque acreditamos que está do lado certo. Mas temos uma grande comunidade judaica na Rússia e uma grande comunidade judaica na Ucrânia e temos de garantir que não vão sair prejudicadas desta situação. Nos últimos anos construímos uma relação estratégica e importante com a Rússia. Os russos estão junto à nossa fronteira, na Síria, e isso forçou-nos a construir essa relação estratégica. Por isso o meu anterior primeiro-ministro tentou ser a pessoa que passava mensagens entre os dois lados quando a guerra começou. Em coordenação com os países ocidentais, claro. Infelizmente chegámos a um ponto em que tal não foi possível. Mas esperamos que a guerra chegue ao fim e volte alguma normalidade.

Com a guerra na Ucrânia a afetar não só as populações no terreno mas também a economia mundial, Israel não deixa de manter o Irão no centro das suas preocupações...

Não acho que o Irão seja um problema só para Israel, o Irão é um problema para o mundo. Hoje vimos o seu envolvimento em quase tudo o que de mau acontece no mundo – nas organizações terroristas, no Líbano, na Síria, até na venda de *drones* na guerra entre Rússia e Ucrânia. Isso tem de parar. Outra preocupação, para nós e para qualquer país ocidental, é a sua ambição de chegar à arma nuclear. E o que vemos hoje é que os iranianos estão a adiar as negociações com a UE e os seus aliados. Estão a tentar ganhar tempo e desenvolver entretanto o seu programa nuclear. É um problema, e em determinado momento os P5+1 [os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU – EUA, China, Rússia, Reino Unido e França – + a Alemanha] terão de dizer: "Basta!, as negociações terminaram". Eles estão a levar o seu tempo e isso é muito perigoso. Israel não é contra um acordo com o Irão, somos contra este acordo específico, porque achamos que não atinge os seus objetivos. O acordo deve ser mais forte e a longo prazo, para garantir que os iranianos não terão armas nucleares, nem hoje, nem amanhã, nem daqui a 50 anos. Esta é a primeira prioridade, a segunda é que não recebam dinheiro que acaba por não ir para a ajuda humanitária no interior do Irão, mas sim para apoio a grupos terroristas em todo o mundo. O que nos deve preocupar a todos.

O presidente iraniano deu uma entrevista ao *60 Minutes*...

E viu o que ele disse? Ficou ali sentado a dizer que não tinha a certeza que o Holocausto tenha acontecido e que precisa de ver mais provas e de ser investigado. Pois eu convido o presidente iraniano a ir comigo a Auschwitz e posso mostrar-lhe o local onde a família dos meus avós perdeu a vida, dando-lhe a grande prova do Holocausto de que ele precisa.

O que é que o presidente Raisi pretende ao negar o Holocausto?

É a ideologia dele. Ele acredita mesmo no que diz. Por isso quando me dizem para não os levar tão a sério, eu levo-os muito a sério. Eles acreditam mesmo no que dizem e temos de ter muito cuidado e lidar com isso da melhor maneira que conseguirmos. Porque começa com a negação do Holocausto, mas pode acabar com ações muito mais graves. E aqui gostaria de voltar aos Acordos de Abraão e às mudanças na região. O que o presidente iraniano disse agora surgiu dois dias depois da visita a Israel e ao Yad Vashem, onde depositou uma coroa de flores, do ministro dos Negócios Estrangeiros dos Emirados Árabes Unidos. Este falou da luta contra o antissemitismo e de como uma tragédia como o Holocausto não se pode repetir. Assim vemos a diferença entre um líder dos Emirados, que se juntaram ao círculo da paz, e o líder do Irão, um país que está ligado a tudo o que há de mau no mundo.

helena.r.tecedeiro@dn.pt

JEFF SWENSEN / GETTY IMAGES VIA AFP

O ex-presidente durante um comício com os seus apoiantes.

Trump denuncia "caça às bruxas" após ser acusado de fraude com três dos filhos

JUSTIÇA Procuradora-geral de Nova Iorque acusa o ex-presidente e a família de lucrar com fraude "assombrosa".

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O ex-presidente dos EUA Donald Trump acusou ontem a procuradora-geral de Nova Iorque, Letitia James, de "caça às bruxas", depois de ser acusado, juntamente com os seus três filhos mais velhos, de fraude. "Outra caça às bruxas pela procuradora-geral racista [James é afro-americana] que falhou na sua corrida a governadora, conseguindo quase zero apoio do público", escreveu Trump na Truth Social (que criou após ser expulso do Twitter). Antes já a sua porta-voz tinha denunciado perseguição política. "Um conto de dois Sistemas de Justiça – onde os criminosos saem em liberdade e os democratas só vão atrás dos seus opositores políticos!", escreveu Liz Harrington.

"Hoje [ontem], apresentei queixa contra Donald Trump por anos de fraude financeira para se enriquecer a si próprio, a sua família e a Trump Organization", disse a procuradora aos jornalistas. "Não há dois conjuntos de leis para as pessoas nesta nação. Os ex-presidentes têm de responder aos mesmos padrões que os norte-americanos comuns", referiu. Além de Trump, Donald Jr., Ivanka e Eric terão lucrado com a fraude "assombrosa".

A família é acusada de manipular as avaliações das suas propriedades para enganar credores, seguradoras e autoridades fiscais. "Com a ajuda de Donald Jr., Eric, Ivanka e outros acusados, Trump inflacionou e deflacionou ilegalmente o seu património líquido em milhões para obter e pagar empréstimos, ter benefícios de seguros e pagar impostos mais baixos. Em suma, ele mentiu para obter enormes benefícios financeiros para si próprio", referiu.

"Os crimes de Trump não são sem vítimas. Quando os poderosos infringem a lei para obter mais dinheiro do que aquele a que têm direito, isso reduz os recursos disponíveis para trabalhadores, pequenas empresas e contribuintes", disse James. Os outros acusados são o ex-diretor financeiro da Trump Organization, Allen Weisselberg, que recentemente se declarou culpado de crimes fiscais, e o gerente Jeffrey McConney.

A procuradora quer que o Supremo Tribunal de Nova Iorque impeça os Trump de ser executivos em empresas do Estado, além de impedir a Trump Organization de comprar mais propriedades ou ter direito a empréstimos durante cinco anos. Quer ainda recuperar mais de 250 milhões de dólares. E vai passar as conclusões para o Departamento de Justiça – Trump é alvo de uma investigação criminal em Manhattan pelos mesmos crimes.

A investigação do gabinete de James já dura há mais de dois anos. O ex-presidente foi chamado a prestar declarações, tendo contudo optado por recorrer à Quinta Emenda da Constituição dos EUA para não responder. Esta emenda pode ser usada para evitar que a pessoa se auto-incrimine, não sendo vista como uma admissão de culpa. A procuradora rejeitou pelo menos uma oferta de Trump para chegar a acordo fora dos tribunais.

Este é um dos vários processos judiciais a envolver o ex-presidente, que continua a ser o nome favorito entre os republicanos para concorrer às presidenciais de 2024. Trump está ainda a ser investigado por ter ficado com documentos secretos da Casa Branca, pela invasão do Capitólio e por interferência eleitoral na Geórgia.

susana.f.salvador@dn.pt

BREVES

Oito mortos em protestos no Irão

Pelo menos oito pessoas morreram nos protestos que decorrem há vários dias no Irão, numa reação à morte da curda Mahsa Amini, de 22 anos, que foi detida por violar o código de vestuário. O balanço é de uma organização de Direitos Humanos. Os protestos começaram na sexta-feira, depois do anúncio da morte da jovem, que segundo os ativistas foi alvo de um golpe fatal na cabeça – as autoridades negam. Tinha alegadamente sido presa por usar o véu islâmico (*hijab*) de forma "imprópria". Em resposta, algumas mulheres optaram por queimar os seus véus islâmicos em fogueiras ou, de forma simbólica, rapar a cabeça. Os vídeos destas ações têm-se espalhado pelas redes sociais. Ontem, o presidente dos EUA, Joe Biden, declarou nas Nações Unidas a sua solidariedade para com as "mulheres corajosas do Irão".

Tokayev antecipa eleições para 20 de novembro

No culminar de um ano de "transformação e renovação genuína", o presidente do Cazaquistão, Kassym-Jomart Tokayev, convocou ontem presidenciais antecipadas para 20 de novembro. A ideia de antecipar as eleições tinha sido avançada no discurso do Estado da Nação, a 1 de setembro, com Tokayev a dizer que é necessário "um novo mandato de confiança do povo" para "implementar as reformas radicais e compreensivas que visam construir um Cazaquistão Justo". A eleição, na qual é o favorito, vai reduzir o seu mandato atual – está no poder desde 2019, tendo sucedido a Nursultan Nazarbayev – mas irá dar-lhe um segundo mandato maior, já que ao abrigo da reforma da Constituição este será de sete anos (em vez de cinco). Desde os protestos violentos no país, em janeiro, que Tokayev empreendeu uma série de reformas estruturais.

Opinião
João Almeida Moreira

Bolsonaro enterrado em Windsor

A visita eleitoreira de Jair Bolsonaro e comitiva, composta por pastores e *influencers*, ao enterro da rainha de Inglaterra, soa a epílogo do período mais *nonsense* da História de 200 Anos do Brasil.

Bolsonaro discursou da varanda do hotel, em Londres, sobre ideologia de género, aborto e os perigos da esquerda para apoiantes, que, lá embaixo, hostilizavam quem os contrariasse. Rosnou ainda que se não tiver 60% na primeira volta, será por culpa do Tribunal Eleitoral, apesar de todas as sondagens darem o rival, Lula, e não ele, no limiar da vitória.

Também gravou um vídeo num posto de gasolina, para provar que no Brasil o combustível está mais barato do que em Inglaterra. E foi bombardeado pela imprensa britânica por levar a campanha política para as cerimónias.

No fim, após aproveitar o enterro de Isabel II para fazer campanha eleitoral, brigou com jornalistas que perguntaram se ele não tinha aproveitado o enterro de Isabel II para fazer campanha eleitoral.

Balanço da visita: pisou mais uma vez na imagem internacional do Brasil, atormentou os ingleses e não ganhou um voto.

Se este descalabro é o epílogo, ainda antes da condução assassina da pandemia, do regresso do país ao Mapa da Fome da ONU e da destruição ambiental se tornarem as marcas do bolsonarismo, um singelo episódio marca o prólogo do desgoverno de Bolsonaro, quando, logo após eleito, prometeu transferir a embaixada do Brasil em Israel para Jerusalém.

Criou um problema com os países árabes que, ofendidos, ameaçaram boicotar a importação de carne brasileira, e com os israelitas porque, obrigado a recuar, descumpriu a promessa. E o problema nem sequer existia.

"A política é a arte de procurar problemas, encontrá-los em todo o lado, diagnosticá-los incorretamente e aplicar os piores remédios para os resolver", dizia Groucho Marx, o maior expoente do *nonsense* até ser desbancado do cargo por Bolsonaro, um discípulo involuntário de Marx, o Groucho, e especialista em desagradar gregos e troianos (agrada só aos cretinos).

Conforme a classificação do economista italiano Carlo Cipolla, os inteligentes conseguem, pelas suas ações, criar vantagens para si e para os outros, os bandidos só vantagens para si, os crédulos só vantagens para os outros, e os estúpidos desvantagens para toda a gente – o presidente do Brasil pertence, com todos os méritos, ao quarto grupo.

Teve a sorte, no entanto, de navegar no último dos estágios da estupidez na política, conforme descrição de Andy Borowitz, em *Perfis na Ignorância: como os políticos americanos se tornaram mais e mais burros*, lançado na semana passada nos EUA.

O primeiro estágio, a que pertencia, por exemplo, o desastrado do vice-presidente americano Dan Quayle, era aquele em que os políticos se envergonhavam das suas asneiras.

O segundo, representado pelo presidente George W. Bush, é o da aceitação da estupidez – ao admitir nunca ter lido um livro, W aproximava-se, segundo os seus estrategas, da maioria do povo americano (foi o período em que Mitt Romney teve de esconder que falava francês para não perder votos republicanos).

E o terceiro, representado por Donald Trump, o da glorificação da incompetência, desde que a legião de imbecis de internet encontre eco neles, como dizia o Umberto.

Até quando essa legião vai governar? Nos EUA, foi até 2021. No Brasil, ao que tudo indica, até dia 2 ou 30 de outubro, o mais tardar.

Jornalista, correspondente em São Paulo

Para qualquer esclarecimento: apoiocliente@noticiasdirect.pt | Linha de Apoio: 219 249 999 - dias úteis das 8h00 às 18h00
(custo de chamada de acordo com o tarifário de telecomunicações contratado para rede fixa ou rede móvel nacional).

Coleção composta por 8 réplicas, distribuídas em banca aos sábados com o jornal, de 1 de outubro a 19 de novembro de 2022. PVP unitário: 9,99€ + jornal. PVP da coleção: 79,92€ cont. (IVA incluído) + 8 jornais.

Limitado ao stock existente.

Ronaldo será em 2024 o jogador de campo mais velho a jogar um Europeu

SELEÇÃO Capitão afastou cenário de pré-reforma e mostrou ambição de ainda alinhar no próximo Europeu daqui a dois anos. Pisar a relva alemã poderá bastar para bater outros recordes.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Aos 37 anos, a idade ainda não pesa a Cristiano Ronaldo, mas é preciso fazer contas aos 39 anos, quatro meses e nove dias que o capitão da seleção nacional terá no dia 14 de junho de 2024, data do início do próximo Europeu de futebol, para medir a ambição do português em jogar na prova. Se for (o sorteio da fase de qualificação é só no dia 9 de outubro), e jogar, CR7 fará história, tornando-se no jogador de campo mais velho a atuar num Campeonato da Europa, e o segundo se contabilizarmos guarda-redes.

Hoje perderia apenas para o carismático guarda-redes Gábor Király (Hungria), que jogou o Euro 2016 (ganho por Portugal) com 40 anos, dois meses e 27 dias. Até agora, o mais velho a jogar num Europeu sem ser guarda-redes é o alemão Lothar Matthäus, que tinha 39 anos, dois meses e 30 dias quando alcançou o feito, diante de Portugal (vitória por 3-0), na fase de grupos do Euro 2000 [*ver tabela*]. CR7 passará também a ser o mais velho entre os portugueses, batendo os 38 anos e 23 dias de Ricardo Carvalho no Euro 2016.

Se muitos dos grandes nomes do futebol mundial já estavam reformados à idade atual do português, poucos se mantiveram no topo como ele. E, no que toca a Ronaldo, é preciso elevar o nível: só seis *Bola de Ouro/The Best* chegaram aos 37 anos a jogar na seleção nacional além de CR7. Os outros foram o inglês Stanley Matthews, o espanhol Luis Suárez, o soviético Lev Yashin, o alemão Lothar Matthäus e o italiano Fabio Cannavaro.

A indefinição de início de época e os rumores de descontentamento e possível saída de Old Trafford podem ter beliscado a imagem de profissional de excelência do cinco vezes vencedor da *Bola de Ouro/The Best* (2008, 2013, 2014, 2016 e 2017), mas não o apagaram como grande figura dos *red devils* e da seleção nacional, onde já bateu todos os recordes possíveis: mais internacionalizações (189) e mais golos (117).

A nível europeu ninguém tem tantos jogos pelo país de origem. O único que se aproxima é Sérgio Ramos, de Espanha (180). E a nível mundial, CR7 perde apenas para Bader Al-Mutawa (Kuwait, 194) e Soh Chin Ann (Malásia, 195). CR7 pode bater esses números já no Mundial, desde que Portugal passe a fase de grupos.

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Ronaldo pode bater já, no Mundial do Qatar, o recorde de internacionalizações por um país.

Jogar até aos 40, 41 ou 42...

O desejo de marcar presença no Euro 2024 foi manifestado na *Gala das Quinas*, na noite de terça-feira, quando foi distinguido pela Federação Portuguesa de Futebol. No discurso de agradecimento, confessou que já tinha "saudades de receber um prémio" e garantiu que a motivação e a ambição continuam lá bem no alto.

Para quem ousasse antecipar-lhe a reforma pelo inusitado início de época no Manchester United, CR7 avisou que não só espera estar no Mundial 2022 (20 de novembro a 18 de dezembro, no Qatar) como no Euro 2024 (14 de junho a 14 de julho de 2024, na Alemanha). E se recordarmos um desejo mais antigo – o de jogar até aos "40, 41 ou 42 anos" – ainda pode arriscar outro Campeonato do Mundo (2026).

O anúncio não surpreendeu quem com ele partilha o balneário tanto na seleção como no Manchester United. "Quem acreditava que o Cris não queria estar no Europeu não o conhece bem o suficiente. Nós conhecemos bem a capacidade de trabalho, a ambição, a resiliência dele. Não é uma novidade, sabemos que o Cris quer atingir coisas que outros nunca conseguiram. O Cris vai continuar a ter a mesma importância, seja agora ou daqui a dois, três, ou quatro anos", disse ontem Bruno Fernandes, antes do treino na seleção.

Pelé e Maradona reformados

Saindo do *Velho Continente*, e olhando para dois dos melhores jogadores de sempre, Pelé e Diego Maradona – que rivalizam com Cristiano Ronaldo e Lionel Messi –, ambos já estavam na pré-reforma. O brasileiro já se tinha mesmo retirado. Fez o jogo de despedida com 36 anos, cinco depois de dizer adeus à canarinha (com 31 anos), pela qual venceu três Campeonatos do Mundo (1958, 1962 e 1970).

Maradona anunciou o fim da carreira no dia em que fez 37 anos. Fê-lo ao serviço do Boca Juniors, já depois de ter estado afastado dos relvados após testes positivos a controlos antidoping. A despedida da seleção argentina, pela qual conquistou o título mundial em 1986, aconteceu muito antes, aos 33 anos, durante o Mundial 1994, precisamente após ter testado positivo a uma substância proibida depois de um jogo com a Nigéria.

Aos 35 anos, Lionel Messi ainda joga no PSG e na seleção argentina.

isaura.almeida@dn.pt

Top-5 jogadores mais velhos em Europeus

NOME	PAÍS	IDADE
Gábor Király (GR)	Hungria	40 anos, 2 meses e 27 dias
Lothar Matthäus (M)	Alemanha	39 anos, 2 meses e 30 dias
Morten Olsen (D)	Dinamarca	38 anos, 10 meses e 3 dias
Peter Shilton (GR)	Inglaterra	38 anos, 8 meses e 28 dias
Ivica Vastic (A)	Áustria	38 anos, 8 meses e 14 dias

BREVES

Bernardo no relvado e Pepe dispensado

Pepe foi ontem dispensado dos trabalhos da seleção nacional por "motivos de ordem física", de acordo com a Federação Portuguesa de Futebol. É a terceira baixa forçada. Fernando Santos já tinha chamado Mário Rui para o lugar do lesionado Raphaël Guerreiro, e Gonçalo Ramos para o lugar de Rafa, que renunciou à seleção. Desta vez, o selecionador optou por não chamar um substituto. Rúben Dias e Thiago Djaló são assim os dois centrais disponíveis para os jogos com a Rep. Checa (dia 24, em Praga) e Espanha (dia 27, em Braga), a contar para a Liga das Nações, embora Danilo e William possam ser opção para o centro da defesa. Portugal é 2.º do grupo, com 7 pontos, menos um do que a líder Espanha. A sessão de treino de ontem, na Cidade do Futebol, já contou com a presença de Bernardo Silva, mas João Félix ainda ficou no ginásio.

Bruno fala de Rafa, do Qatar e dos incidentes

Para Bruno Fernandes, só Rafa Silva pode "explicar mais tarde" o porquê de ter renunciado à seleção, mas acredita que "ninguém toma esta decisão com ânimo leve". O médio do Manchester United foi ainda questionado sobre o Mundial no Qatar e as violações dos Direitos Humanos, e defendeu que "não há muito" que os jogadores possam fazer, senão apelar "a que toda a gente esteja bem e que todos sejam incluídos da mesma maneira". Já sobre os incidentes com adeptos no Famalicão-Benfica e no Estoril-FC Porto, disse que "é ridículo" e que as pessoas deviam ser mais tolerantes com o próximo em prol de um mundo melhor: "O futebol é um espaço para todos: não escolhe género, etnia, nem cor. Qualquer pessoa que esteja no estádio, seja em que zona, pagou o bilhete, tem de ser respeitado e pode vibrar e festejar com o jogo".

Federer diz que três dos seus filhos choraram com notícia da retirada.

Federer despede-se amanhã à noite num jogo de pares. "Com Nadal seria um sonho absoluto"

TÉNIS O adeus será na Laver Cup, em Londres. Fuga de informação fez tenista antecipar anúncio do abandono.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Roger Federer prepara-se para dizer adeus ao ténis já amanhã, num jogo de pares noturno na Laver Cup, em Londres. O tenista suíço, 41 anos, vencedor de 20 *Grand Slams* e que anunciou recentemente o fim da carreira, admitiu que só vai disputar mais uma partida porque a sua condição física não lhe permite jogar em individuais. E gostava que o seu parceiro no torneio londrino fosse Rafael Nadal.

O recordista de títulos do Torneio de Wimbledon (oito) falava em conferência de imprensa antes da Laver Cup, um torneio que opõe seleções da Europa e do resto do mundo entre amanhã e domingo. "Estou a preparar-me para um último jogo de pares. Veremos com quem. Estou evidentemente nervoso por não jogar há muito tempo. Espero ser competitivo", referiu.

E não escondeu que gostaria de formar equipa com Rafael Nadal. "Não sei se irá acontecer, mas seria um momento especial. Travámos tantas batalhas um contra o outro, mas sempre existiu um enorme respeito entre nós. Criámos uma grande relação, até a nível dos nossos familiares e treinadores. Julgo que conseguimos passar uma grande mensagem, não só para o mundo do ténis, mas para o desporto em geral. Por tudo isso seria um sonho absoluto", indicou, deixando a decisão nas mãos do antigo tenista Bjorn Borg, capitão da equipa dos tenistas europeus.

Federer, entretanto, admitiu numa entrevista à BBC que anunciou o adeus a 15 de setembro através de uma carta publicada nas redes sociais devido a uma fuga de informação, que o levou a anunciar a retirada mais cedo que que pretendia. "Tentamos manter estas situações em privado e esperamos sempre que não haja fugas de informação. Mas soube na manhã daquele dia [15 de setembro] que se preparavam para anunciar a minha retirada. E por isso anunciei mais cedo do que era previsto", reconheceu.

"Não serei um fantasma"

Questionado sobre o futuro, o tenista helvético disse querer, "primeiro, passar tempo com a família e ter uma vida normal", reconhecendo ainda ter de pensar "sobre o que fazer depois". "Quero apenas que os meus fãs saibam que não serei um fantasma. De que forma, ainda não sei, terei ainda de pensar", atirou.

Numa outra entrevista, a meios de comunicação suíços, o tenista confessou como foi difícil comunicar à família o adeus aos *courts*. "Foi difícil. Três dos meus quatro filhos choraram quando lhes disse que ia abandonar. Perguntaram-me se nunca mais iríamos a Halle, Wimbledon, Indian Wells. Eu disse-lhes que podíamos continuar a ir se eles quisessem", deixando ainda uma palavra à mulher: "Foi horrível para ela, porque deixou de gostar de me ver no *court*, por causa do joelho. Tenho pena do que ela passou. Agora é altura de me dedicar mais a ela."

A equipa composta por tenistas europeus, além de Federer e Nadal, contará ainda com as presenças de Novak Djokovic, Andy Murray, Casper Ruud e Stefanos Tsitsipas. Os participantes do resto do mundo são Taylor Fritz, Felix Auger-Aliassime, Diego Schwartzman, Alex de Minaur, Frances Tiafoe e Jack Sock.

As regras do torneio obrigam a que os tenistas joguem em pares e também em individuais. Mas o caso foi contornado com a chamada do suplente Matteo Berrettini.

nuno.fernandes@dn.pt

BREVES

Messi queria 10M para renovar com o Barcelona

O jornal espanhol *El Mundo* revelou ontem algumas das condições impostas por Lionel Messi, em 2021, para renovar contrato com o Barcelona, exigências (algumas extravagantes) que contribuíram para a sua saída para o PSG no verão do mesmo ano. Para renovar o vínculo, o argentino pedia um prémio de assinatura de 10 milhões de euros, um camarote em Camp Nou para a sua família e de Luis Suárez, um voo privado para a Argentina durante o Natal e a restituição do ordenado que lhe tinham tirado durante a pandemia, com um juro de 3%. Outra das imposições era uma cláusula de rescisão simbólica de dez mil euros para deixar o clube quando entendesse que era a melhor altura para o fazer. De acordo com o jornal espanhol, só esta última não terá sido aceite por Josep Maria Bartomeu, presidente do clube na altura.

Morte de Sala. Avião "não era confiável"

O piloto do avião que se despenhou a 21 de janeiro de 2019 no Canal da Mancha, num acidente que matou o futebolista argentino Emiliano Sala, terá admitido que a aeronave "não era confiável", segundo um áudio obtido pela BBC. Numa chamada para outro piloto, David Ibbotson disse que lhe tinham confiado ir buscar o jogador num "Mirage problemático". "Normalmente eu coloco o meu colete salva-vidas entre os assentos, mas amanhã vamos vestir o colete, de certeza", afirmou. Ibbotson referiu na mensagem que ouviu um estrondo ao pilotar o avião numa ocasião anterior. "Esta aeronave tem de voltar para o hangar", disse ao amigo. O futebolista também expressou o seu receio num áudio enviado aos amigos, referindo estar "com medo" e que o avião parecia "estar a desmoronar-se".

Operático, transgressor e violento até ao limite, *Athena* é mais um filme do catálogo Netflix lançado em Portugal sem o mínimo cuidado promocional, enfim, como se fosse produto para encher.

O filme que era para ser sentido no grande ecrã

NETFLIX Após uma passagem no Festival de Veneza que polarizou, *Athena* chega ao *streaming* sem cuidados promocionais. É uma obra-prima de Romain Gravas, cineasta ligado ao videoclipe e por isso algo discriminado em França. Um filme que imagina uma rebelião num gueto parisiense.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Primeiro ponto: a seleção oficial na Mostra Internacional da Bienal de Veneza em competição é a vitória de um novo tipo de cinema francês em contraponto com um certo cinema de autor banalizado e de fato e gravata. Segundo ponto: Romain Gravas tem contra si uma evidente campanha de discriminação de certos setores de uma crítica obediente e cheia de lugares-comuns, aquela que ainda insiste que um filme, por ter planos-sequência elaborados ou um cuidado visual e meios, é herdeiro de um olhar de publicidade e videoclipe. Enfim, mesmo não sendo uma obra de cerrar fileiras, *Athena* é um bom caso para se discutir um novo caminho de cinema de entretenimento com mensagens políticas e sociais, aliás, um pouco como *Os Miseráveis*, de Ladj Ly já o fazia. Como não há coincidências, este é também um projeto de Ladj Ly, aqui responsável pelo argumento em parceria com Romain Gravas e Elias Belkeddar.

Athena é uma história de uma revolta num bairro periférico da capital francesa. Um grupo de jovens dos subúrbios alia-se e ataca uma esquadra, roubando material de fogo. Em causa estão os protestos face à morte de uma criança do bairro supostamente às mãos de oficiais da polícia.

Três irmãos de origem magrebina acabam por se confrontar nesse violento cerco: um polícia, um *dealer* e um instigador. Um cerco que ganha uma dimensão grande, atraindo um circo mediático e ameaçando a ordem pública. A França fica em Estado de Sítio e os *media* cobrem a violência em Athena como se de um espetáculo se tratasse.

Do lado da polícia, acompanhamos a missão de confronto de um jovem polícia, ainda com a cabeça no recém-estado de paternidade. Um jovem que no meio dos confrontos nas arcadas dos prédios de habitação social é apanhado pelo gangue e cedo se torna refém neste confronto de grande escala.

Romain Gravas, tal como em *O Dia Chegará*, encena cada sequência com um estado de crispação e tensão total. Trata-se de uma pulsão que é tão interior como física, muitas vezes sustentada por um trabalho de *close-ups* nos rostos dos atores. E é aí que se sente que este "*rodeo*" de raiva e fúria tem um ódio que na França branca passa ao lado. O espetador desinformado fica à toa com a selvajaria desta violência que, aos olhos não-contextualizados ,tem demasiado ruído e – que horror! – quase só negros e árabes irados.

A bomba-relógio de Gravas, cineasta sem medo de ter estética no meio disto, é ir ao fundo deste problema, desta ameaça a uma escalada quase de guerra civil. E não se trata de recortar com fotogenia este sentimento de revolta de quem quer fazer uma revolução com sangue. Gravas vai por um outro caminho: escancarar um flagelo com novelo de tragédia e uma narrativa de irmandade e fatalidade. Coisa de família, coisa do destino cruel.

Cinema antifascista puro e duro, *Athena* é um *tour-de-force* sobre a violência civil numa sociedade de descontentamento constante. A tal distopia ultra-violenta de uma ideia de fim da França, explícito prolongamento daquilo que era abordado por Matthieu Kassovitz há quase trinta anos, em *O Ódio*, obra-prima que o Festival de Cannes imortalizou e cravava um momento do cinema francês contemporâneo.

E é de contemporaneidade que o cinema de Romain Gravas é feito, um clique deste sinal dos tempos, capaz de expressar ideias sobre os movimentos de extrema-direita à segregação do governo, não faltando a repressão policial.

E quem se queixar perante o uso do plano-sequência religiosamente coreografado no meio do caos, esquece a sua utilidade como lança de desconforto. Não importa se a exibição de sequências com gruas a fazerem uma marcação de espaço estão a mais ou não. Fazem parte de uma apoteose assumida de uma imersão num objeto visual singularíssimo, sem medos de um formalismo *steady-camera*. Na verdade, são os utensílios deste cineasta para uma atitude de subvenção de uma proposta de saldar contacto físico em cinema.

Pena é que o público não possa ver isto em grande ecrã. Ironia cruel: a Netflix em França apostou um orçamento faustoso para ter um objeto que pedia o grande ecrã.

Se acreditarmos que não é ético que um plano-sequência possa ser espetacular num filme com petardo político de choque, então *Athena* encerra em si um problema de perceção. Em boa verdade, a sua amplitude de fulgor emotivo pedia algo assim, o resto é preconceito e já em *O Mundo é Teu* este cineasta quebrava algumas barreiras visuais.

A claque de Romain Gravas evoca até o termo de esteta e não vem mal ao mundo por isso, mesmo quando se esteja a narrar com choque uma tragédia grega com a barbárie desta França de hoje. Se quisermos, *Athena* é o que temos de mais próximo de uma ideia de filme novo de choque, um arrepio na espinha que nos obriga a estar dentro dos *banlieu*, a sentir o cheiro da pólvora e a vertigem do medo numa batalha campal para agitar os sentidos. O pesadelo de uma ideia de fissura de uma ordem francesa civilizacional é empolado com imagens de vertigem sensorial.

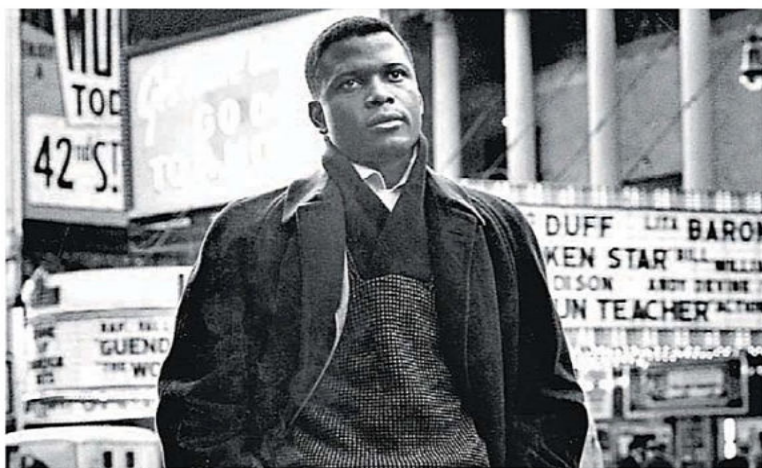
Se a questão da disputa trágica entre os irmãos de origem árabe não tivesse alguns *clichés* de guião, *Athena* pulava para o panteão dos objetos que marcam uma época e um tempo...

dnot@dn.pt

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
ATHENA		★★★★	
A CONFERÊNCIA	★★★		
SIDNEY	★★★		★★★
RESTOS DO VENTO	★★★★	★★★	★★★★
NÃO TE PREOCUPES, QUERIDA		★★★	
BILHETE PARA O PARAÍSO		★★★	
ÓCULOS ESCUROS	★	★★★	★★★

●Mau ★Medíocre ★★Com interesse ★★★Bom ★★★★Muito bom ★★★★★Excecional

Ao explorar o legado de Poitier, *Sidney*, o documentário, procura corresponder ao homem, ator e cidadão que estava muito para além da sua cor de pele.

Sidney Poitier, um príncipe em Hollywood

STREAMING A Apple TV+ lança esta sexta-feira um documentário sobre o mais respeitado ator negro de Hollywood. Produzido por Oprah, *Sidney* é a biografia televisiva que faz justiça à memória de um dos grandes.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Ter Sidney Poitier (1927-2022) a narrar momentos da sua vida diretamente para a câmara não podia ser menos do que um privilégio. É por aí que o documentário de Reginald Hudlin começa por surpreender o espetador que se prepara para a tradicional colagem de arquivos, com cabeças falantes pelo meio. Claro que não deixa de haver esses testemunhos – e temos Morgan Freeman, Spike Lee, Barbra Streisand, Denzel Washington, Quincy Jones, as filhas de Poitier, etc. –, mas é o modo como o ator conta os pequenos espantos do seu contacto com o mundo, desde o encontro com um espelho à descoberta do metro de Nova Iorque, que transforma *Sidney* num documento vivo. Como o próprio faz questão de dizer, esta é a biografia de alguém que nasceu dois meses prematuro; o mais provável era não ter sobrevivido. Para Oprah, ele foi um facto. Para Freeman, uma luz.

Tudo na história de Poitier vai dar ao momento em que venceu o Óscar de melhor ator, por *Os Lírios do Campo* (1963), de Ralph Nelson, tornando-se o primeiro negro a alcançar a estatueta nessa categoria – Hattie McDaniel antecedeu-o como a primeira afro-americana oscarizada num papel secundário (a criada em *E Tudo o Vento Levou*) que desempenhou 74 vezes... Mas voltando a Poitier, o percurso deste brilhante ator define-se pela singularidade e complexidade do seu lugar em Hollywood. Não só foi ele que interrompeu o ciclo de personagens pouco dignas para a comunidade negra, tendo-se estreado no grande ecrã no papel de um jovem médico, em *Falsa Acusação* (1950), de Joseph L. Mankiewcz, como acabou por ser considerado por alguns membros dessa mesma comunidade "um negro demasiado branco". Corria o ano de 1967 quando três produções desenharam o seu estatuto de estrela: *O Ódio Que Gerou o Amor*, de James Clavell, *No Calor da Noite*, de Norman Jewison, e *Adivinha Quem Vem Jantar*, de Stanley Kramer.

São mais do que conhecidos estes marcos de uma carreira construída em simultâneo com uma imagem pública que fez a diferença e não podiam faltar num documentário que pica os pontos essenciais. Sentimos falta de algumas referências mais raras, como o filme *Band of Angels* (1957), de Raoul Walsh, por exemplo, mas é interessante vislumbrar, por outro lado, a faceta do Poitier realizador.

Em prol do trabalho de Hudlin, é preciso dizer que o realizador encontrou soluções visuais bastante criativas e sóbrias, em várias ocasiões dividindo o ecrã ora na vertical ora na horizontal. Não há abundância de fotografias ou vídeos caseiros; quase só excertos de entrevistas, imagens históricas e reproduções de ambientes de época que ajudam a imergir na narrativa do adolescente que saiu das Bahamas, pobre, para se fazer à vida, derrubar o racismo e chegar a príncipe na indústria do cinema americano.

São muitos os que sublinham a sua elegância natural, fotogenia e, sobretudo, seriedade. A mesma que, como diz Oprah, "humanizou a imagem dos negros no cinema". Ao explorar o legado de Poitier, *Sidney*, o documentário, procura corresponder ao homem, ator e cidadão que estava muito para além da sua cor de pele. É fundamental celebrá-lo sempre.

Foi a 20 de janeiro de 1942 que os nazis definiram a *Solução Final* para a Questão Judaica.

Nos bastidores de um crime monstruoso

MEMÓRIA Produção alemã com realização de Matti Geschonneck, *A Conferência* evoca, com especial concisão narrativa, o encontro dos políticos e militares nazis que programaram a *Solução Final* para extermínio do povo judaico.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Por acção de muitos produtos de raiz televisiva, incluindo séries que se tornaram emblema do *streaming*, a abordagem das memórias históricas tende a ser definida (e aplicada) como uma acumulação de efeitos "naturalistas": atores "parecidos" com as personagens verídicas, guarda-roupa com peças "idênticas" às originais, cenários "reconstituídos"... O filme alemão *A Conferência* não será alheio a tais opções – o realizador, Matti Geschonneck, tem mesmo uma carreira de três décadas sobretudo ligada à televisão –, mas possui uma energia dramática e uma concisão narrativa que o distinguem de qualquer rotina.

Não se trata de duvidar dos pressupostos realistas que uma abordagem histórica pode envolver. Bem pelo contrário: lembremos apenas o exemplo maior de *Spencer* (2021), de Pablo Larraín, com Kristen Stewart, evocando a rutura da princesa Diana com a família real britânica. O que se discute é a lógica interior dessa abordagem, podendo oscilar da banalidade de um mimetismo "deco-rativo" até ao genuíno empenho em conhecer as personagens e as suas circunstâncias.

Aqui, o contexto em que tudo acontece revelar-se-ia decisivo para o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial. Realizada no dia 20 de janeiro de 1942, a *Conferência de Wannsee* reuniu quinze responsáveis políticos e militares do governo de Adolf Hitler, entre representantes de vários ministérios e elementos das SS, com um objetivo muito preciso: estabelecer os modos de concretização do projeto de extermínio do povo judeu, designado nos documentos oficiais dos nazis como *Solução Final* para a Questão Judaica.

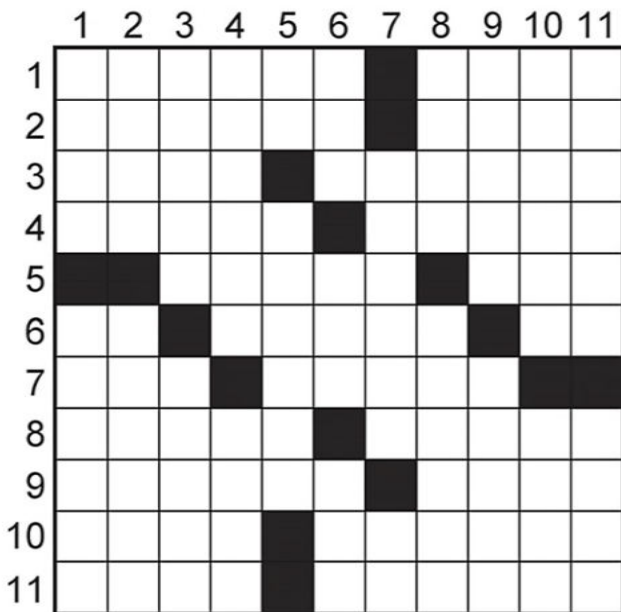
Há em *A Conferência* uma estranha e perturbante dimensão teatral. Em primeiro lugar, porque todos os aspetos do encontro estão marcados por um sistema hierárquico fortemente codificado, liderado, naquele espaço, por Reinhard Heydrich, um dos principais organizadores do Holocausto.

Depois, porque o filme atribui especial importância às palavras usadas pelos quinze homens (há também uma mulher, encarregada de redigir a ata da reunião), no sentido de, em poucas horas, entre conversas e algumas pausas para café e bolinhos, programarem a morte de muitos milhões de seres humanos.

Nada disso resulta de uma qualquer descrição "generalista", enquistada numa visão esquemática da história. Um dos aspetos mais importantes desta memória é mesmo o caráter paradoxal da própria conferência. Na verdade, e tal como é sublinhado num notável estudo do historiador inglês Mark Roseman (*The Wannsee Conference and the Final Solution*, ed. Penguin, 2002), quando Heydrich convocou a conferência, a montagem da *Solução Final* estava já em andamento, quer organizando o transporte de muitos judeus para a Polónia, quer através da construção de vários campos de extermínio (incluindo Auschwitz).

No limite, aquilo que o filme encena é o trabalho de uma ideologia de ódio no interior do seu próprio sistema de poder, procurando estabelecer uma legitimação "legal" para um crime monstruoso.

dnot@dn.pt

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Revestimento externo (pl.). O dobro de uma. **2.** Montão. Cidade. **3.** Fímbria. Deixar escapar. **4.** Líquido nutritivo que circula nas plantas. Tempo em que o Sol está abaixo do horizonte. **5.** De índole pacífica. Soberano. **6.** *Internet Protocol*. Restabelece. Sociedade Anónima. **7.** Víscera dupla. Trepadeira lenhosa muito comprida. **8.** Não ferida. Versejar. **9.** Que produz som. Jazigo de minérios. **10.** Grupo circular de ilhas de coral. Insurgir-se. **11.** Mulher formosa (figurado). Esbelto.

Verticais:
1. Desordem. Dar as cores do arco-íris a. **2.** Avinagrado. Condutor. **3.** Pequena sela rasa. Em menor quantidade. **4.** Pedir dinheiro, etc. (gíria). Planta do pé. **5.** Avenida (abreviatura). Desejar veementemente. **6.** Estrela. Vai à rua. Reza. **7.** Tomar notas. Interjeição utilizada para chamar a atenção ou para cumprimentar. **8.** Rijo. Alentar. **9.** Requerer pressa. Aliado. **10.** Descontas. Erva--doce. **11.** Ser lendário, metade mulher e metade peixe. Pouco frequente.

SUDOKU

3				5		6	2	7
		6		3	7	5		
					1			9
7	6			9		4	8	
				4		9		
	9				5			2
8	2	7					9	4
			3	7			5	
9		5	8		4	1	7	

SOLUÇÕES

3	1	9	4	5	8	6	2	7
2	8	6	9	3	7	5	4	1
5	7	4	2	6	1	8	3	9
7	6	2	1	9	3	4	8	5
1	5	8	7	4	2	9	6	3
4	9	3	6	8	5	7	1	2
8	2	7	5	1	6	3	9	4
6	4	1	3	7	9	2	5	8
9	3	5	8	2	4	1	7	6

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Cascas. Duas. 2. Acervo. Urbe. 3. Orla. Largar. 4. Seiva. Noite. 5. Manso. Rei. 6. IP. Reata. SA. 7. Rim. Liana. 8. Ilesa. Rimar. 9. Sonoro. Mina. 10. Atol. Reagir. 11. Rosa. Airoso.
Verticais:
1. Caos. Irisar. 2. Acre. Piloto. 3. Selim. Menos. 4. Cravar. Sola. 5. Av. Anelar. 6. Sol. Sai. Ora. 7. Anotar. Ei. 8. Duro. Animar. 9. Urgir. Amigo. 10. Abates. Anis. 11. Sereia. Raro.

A *Tangled Up Collection*, da JLD Joias: *design* contemporâneo inspirado nos desenhos e técnicas tradicionais.

Gargantilha escultural da Elina Briede Jewelry.

Colar búzio da coleção *Maré*, da Telma Mota Jewellery.

Brilho e arte. O que de melhor (e mais caro) se faz na joalharia

FEIRA A *Portojóia*, que se apresenta como a maior montra ibérica de joalharia, está de volta à Exponor para mostrar os avanços tecnológicos, os novos criadores, as grandes tendências e peças até 28 mil euros.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

A marca prefere não ser identificada, mas é a responsável por levar até Matosinhos as peças mais valiosas da 31.ª edição da *Portojóia*. Estão avaliadas entre os 12 mil e os 28 mil euros e poderão ser vistas em exposição na Exponor, a maior montra ibérica de joalharia, até domingo. Um belo e brilhante chamariz para um evento que está de regresso após dois anos de pausa forçada devido à pandemia. Ao longo de quatro dias e através de mais de 150 expositores vão-se mostrar os avanços tecnológicos, os novos criadores e as grandes tendências.

E é por aí que vamos começar a visita, pelo *Trend Spot*, espaço de tendências, com uma curadoria de peças que representam os novos movimentos criativos assinalados pela organização. *Togetherness* mostra as peças e as marcas que encontram na diversidade e inclusão novas linguagens e abordagens ao mercado, como é o caso da joalharia sem género. É aí que se insere um conjunto, inspirado no entrelaçado da vida, da autoria de Eugénio Campos.

Peça de Eugénio Campos para ver em *Togetherness*.

Já o consumidor moderno que procura peças com autenticidade, história e significado vai gostar das peças expostas na tendência *Ancient Wisdom*, como a *Tangled Up Collection*, da JLD Joias, que procura inspiração nos desenhos e técnicas tradicionais dando-lhes uma abordagem contemporânea.

Art as an Expression foca nas peças com simbolismo, capazes de guardar e transmitir emoções, como a gargantilha escultural da Elina Briede Jewelry, em que o *design* geométrico das peças é modelado para complementar as curvas naturais do corpo humano.

Finalmente, o colar búzio da coleção *Maré* da Telma Mota Jewellery assenta que nem uma luva na tendência *Fairy Tales*, para aqueles que sucumbem às representações do universo, onde a natureza é adorada pelas suas formas mais autênticas.

Seguimos depois para uma visita ao espaço *Art & Jewels*, que promove parcerias improváveis entre a joalharia e outros setores criativos como a moda, decoração, ilustração e cerâmica.

A Sara Maia Jewelry aliou-se à pintora erótica Raquel Rocha; a Mel Jewel, *designer* de joalharia portuguesa que combina o sangue novo do *design* português com o *savoir faire* das mais antigas oficiais de joalharia do país, junta-se a André Teoman, *designer* de produto; a Elina Bried Jewelry une as suas peças esculturais e geométricas à tradição e à cultura ancestral da Almavina, marca portuguesa reconhecida pelos bustos de cerâmica tipicamente portugueses; e a Hoyara Jewellery entrelaça-se nos nós e na técnica de tecelagem manual da Nómeraki.

Sob o mote *Togetherness*, a *Portojóia* terá em foco os temas da inovação, migração digital e inclusão, com um vasto programa de palestras.

sofia.fonseca@dn.pt

Diario de Noticias

O problema austriaco

O Chefe do Estado no Brasil

UM GRANDE ACONTECIMENTO POLITICO E DIPLOMATICO

A ESPANHA VITORIOSA em Marrocos

A ULTIMA CONQUISTA

Gago Coutinho e Santos Dumont

A ENTREVISTA com Afonso XIII

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 22 DE SETEMBRO DE 1922 PARA LER HOJE

SELEÇÃO DO ARQUIVO DN
POR **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

Gago Coutinho e Santos Dumont

Por iniciativa do primeiro vai ser erigido ao segundo um monumento no Rio de Janeiro, devendo assistir ao lançamento da primeira pedra o sr. dr. Antonio José d'Almeida

Um aspecto do regresso de Santos Dumont

Ao lado do sabio aviador brasileiro vê-se o nosso glorioso compatriota Gago Coutinho

RIO DE JANEIRO, 20.—O sr. dr. Efigenio Sales, acompanhado pelo glorioso aviador brasileiro Santos Dumont, esteve hoje no Palacio de Guanabara a convidar o sr. dr. Antonio José de Almeida para assistir á cerimonia do lançamento da primeira pedra do monumento, que, por iniciativa de Gago Coutinho, vai ser erigido no Rio de Janeiro, em honra de Santos Dumont. Igual convite foi dirigido ao sr. Presidente da Republica Brasileira.

A Santos Dumont ofereceram hoje um almoço no Palace Hotel os heroicos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, tendo assistido numerosas individualidades em destaque no meio carioca. No final, Gago Coutinho ofereceu ao aviador brasileiro as insignias da comenda da Ordem de S. Tiago, com a qual ele foi agraciado pelo governo português, sendo trocadas afectuosas palavras entre ambos.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral jantaram hoje no Palacio de Guanabara com o sr. Presidente da Republica.

Acurcio Pereira.

A ENTREVISTA com Afonso XIII

REPRODUZIDA PELOS MAIS IMPORTANTES JORNAIS DE TODA A ESPANHA

MADRID, 21.—Os mais importantes jornais de toda a Espanha publicam telegramas de Lisboa reproduzindo o resumo, que o *Diario de Noticias* deu a lume, da entrevista realizada pelo sr. dr. Augusto de Castro com S. M. El-rei D. Afonso XIII.

Os jornais consideram essa entrevista sensacional sob o ponto de vista politico.—(*Correspondente*).

A ESPANHA VITORIOSA em Marrocos

Abd-el-Krin oferece a submissão dos rebeldes ao general Burguete

O alto comissario vem a Malaga conferenciar com o ex-sultão Muley Haffid sobre as condições da rendição

General Burgueta
Alto comissario de Espanha em Marrocos

Abd-el Krin
Chefe dos mouros insurrectos que ofereceu a submissão á Espanha

MADRID, 21.—Ontem á noite começou a circular em Madrid a noticia sensacional de que Abd-el-Krin havia enviado emissarios ao general Burguete, oferecendo-lhe a submissão dos rebeldes.

O alto comissario, por sua vez, havia transmitido o oferecimento ao governo espanhol, que já tinha comunicado ao chefe rebelde a resposta concreta sobre a base de entrega dos prisioneiros, sem direito a qualquer importancia de resgate ou indemnização.

Abd-el-Krin sai da zona de Alhucemas

Uma personalidade de Madrid preguntou telegraficamente para Melilla se era verdadeira a noticia do pedido de submissão de Abd-el-Krin, obtendo a confirmação dela e que constava naquela praça haver o chefe rebelde saido da zona de Alhucemas em direcção a Melilla.

Os emissarios do chefe rebelde apresentam-se em Peñon de Vellez

Pouco depois recebia-se o seguinte telegrama:

«MELILLA.—Os emissarios de Abd-el-Krin apresentaram-se hoje na praia em frente de Peñon de Vellez, precedidos da bandeira branca, pedindo em nome de Abd-el-Krin para se submeterem á Espanha.

Os emissarios foram recebidos pelo comandante da praça, ao qual reiteraram o pedido, que foi logo transmitido ao alto comissario general Burguete. Este respondeu, mandando preguntar aos emissarios as condições em que Abd-el-Krin desejava submeter-se.

Esta noticia causou em Melilla a mais viva satisfação.»

O alto comissario nada diz aos jornalistas

Cêrca da meia noite, recebia-se um telegrama de Malaga dizendo que, ás 9 horas, havia chegado áquela cidade inesperadamente o general Burguete, alto comissario de Espanha em Marrocos, a bordo do contra-torpedeiro «Bustamante».

Em breve a noticia correu por toda a cidade e os jornalistas lançaram-se avidamente na pista do alto comissario, vindo a saber que ele havia seguido em direcção do caminho de Jargales onde tinha ido conferenciar com o ex-sultão Muley Hafid, que reside actualmente no «chalet» «Vila Maria».

Posteriormente, soube-se que a conferencia havia começado pouco depois das 9 horas e terminado ás 2 horas da madrugada.

Na volta os jornalistas tentaram por todos os meios saber do general Burguete qual o motivo da sua vinda a Malaga e da sua conferencia com Muley Hafid, mas o alto comissario recusou-se obstinadamente a satisfazer a curiosidade dos representantes da imprensa.

Constou em Malaga que o general Burguete ia seguir para Madrid mas de madrugada o alto comissario embarcou a bordo do cruzador «Cataluña» em direcção a Melilla.

Em Melilla houve manifestações de regosijo

Por noticias recebidas de Melilla sabe-se que, não obstante serem inimigos, Abd-el-Krin encarregou Muley Hafid de concertar a paz com a Espanha.

Naquela cidade, ao constar a boa nova, uma grande multidão saiu para a rua aos «vivas» á Espanha, dirigindo-se ao alto comissariado a obter informações.

As familias dos prisioneiros, que ali acorreram em grande numero, choravam comovidamente.

Foi a derrota que levou Abd-el-Krin a render-se

Chegou áquela praça um confidente do campo inimigo que forneceu os seguintes pormenores sobre Abd-el-Krin:

O chefe rebelde havia-se proposto realizar um ataque audaz, tendo em vista produzir um novo desastre para os espanhois. O seu plano consistia em atacar simultaneamente as posições do alto e baixo Timayast, avançar em seguida sobre Quebdane, levantar as cabilas da região e cortar as comunicações entre os diferentes grupos do exercito espanhol.

Os soldados do regimento de Isabel II repeliram os dois ataques dos mouros contra Timayast, pondo o inimigo em fuga, o qual se viu obrigado a deixar no campo elevado numero de mortos e feridos.

Depois desta derrota apresentaram-se a Abd-el-Krin os chefes das cabilas rebeldes de Beniurriaguel, dando-lhe conta do grande descontentamento que lavrava entre as cabilas em consequencia do prolongamento duma luta improficua.

Foi então que Abd-el-Krin pensou em submeter-se, reunindo em conselho os seus partidarios. A resolução foi tomada no maior segredo e os emissarios seguiram para Peñon do Vellez com as propostas do chefe rebelde.

A ULTIMA CONQUISTA

do ex-kaiser Guilherme II

Um dos ultimos retratos do ex-kaiser

A princeza Herminia, noiva de Guilherme II

O Kaiser—já o dissemos em telegrama—vai contrair segundas nupcias. Ao ultimo sonho côr de rosa da sua cabeça branca, pesada da neve de 68 invernos, opuzeram tenaz resistencia os filhos—que poderemos julgar empenhados em desmentir perante a historia a lenda de loucura tecida pela Europa em torno da sombria figura de Guilherme II.

Mas o Kaiser, derrotado nos campos de batalha, conseguiu vencer ainda uma vez—no seio da familia. A prole do ex imperador cedeu. E o escorraçado do seu trôno, o banido do seu país, exhibe aos olhos do mundo a sua ultima conquista—um coração de mulher, que vale mais que um imperio, conquistado exactamente dentro da propria ingrata patria que, como a de Scipião, não comerá seus ossos.

E' alemã a sr.ª princesa Herminia, noiva de Guilherme II. Enviuvou em 1919 do principe Schoenaich-Carolath, de quem actualmente usa o nome. Mas o seu apelido de familia é Reuss, familia de primeira linhagem germanica, que remonta ao seculo XII e provém do ramo colateral do imperador Henrique VI, razão porque todos os descendentes masculinos da casa Reuss se chamam Henrique. Diz ainda o «Gotha» que a princesa Herminia é filha do principe Henrique XXII e de sua mulher a princesa Ida de Schamburg-Lippe e irmã do principe Henrique XXIV, que morreu em 1902 sem descendencia masculina, pelo que passou a regencia do principado de Reuss (anexado á confederação alemã do norte em 1866) para o ramo 2.º, representado por Henrique XIV.

Resta saber a idade da noiva de Guilherme II. Nascida em Greitz, em dezembro de 1887, ela conta, portanto, 35 anos, menos 28 anos que o noivo. Com as suas 35 primaveras, ela leva tambem ao novo marido 5 filhos.

De Guilherme II se poderá, portanto, dizer o que de Phebus disse Vitor Hugo na «Notre Dame»: «Acabou tragicamente—casou».

SORTEIO: 076/2022
CHAVE: 1-10-23-28-35 + 1
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

AFP

ESA apresenta os europeus prontos para ir à Lua

A Agência Espacial Europeia (ESA) apresentou ontem, em Paris, sua equipa de sete astronautas prontos para explorar a Lua, como parte do programa americano *Artemis*. Mas só um irá pisar a superfície lunar, caso a missão seja bem-sucedida. Os sete eleitos são: o francês Thomas Pesquet, os alemães Alexander Gerst e Matthias Maurer [*na foto*], os italianos Luca Parmitano e Samantha Cristoforetti [*em vídeo na imagem*], o dinamarquês Andreas Mogensen e o britânico Tim Peake. Foram escolhidos (em parte) porque completaram, pelo menos, uma missão em órbita na Estação Espacial Internacional.

"Quem governa tem de antecipar medidas para evitar colapsos"

HOTELARIA E RESTAURAÇÃO Falências encapotadas no pós-pandemia vão disparar com a guerra e sem novos apoios, alerta Carlos Moura, presidente da AHRESP, que quer Guia Michelin português.

TEXTO **ROSÁLIA AMORIM E JOANA PETIZ**

"Temos conhecimento de que muitas margens de negócios são negativas", afirmou ontem Carlos Moura, presidente da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP). Na tarde em que apresentou o programa do próximo Congresso da associação, o responsável manifestou preocupação com o setor. "Antes da pandemia muitas empresas tinham problemas de tesouraria e já reclamávamos mecanismos de capitalização. Após a covid, e apesar do *lay-off* e do *Programa Apoiar* – bons, mas que não chegaram a todos –, os custos da operação dispararam e são hoje tremendos".

O preço das "proteínas já está 30% acima do ano passado, a campanha de batata e dos legumes não vai ser fantástica devido à seca, entre outros fatores. Sem sermos pessimistas, tememos muitas portas encerradas", disse. Perante este cenário, deixa o alerta: "Quem nos governa tem de antecipar medidas para evitar colapsos."

Tema que também inquieta o setor e que será focado no Congresso de 14 e 15 de outubro é a falta de pessoas. "Temos chamado a atenção para isso, mas há decisões que tardam. Não temos gente para trabalhar! E não é verdade que seja uma questão de salários baixos, isso é um equívoco."

Moura recorda que, com a pandemia, "muitos profissionais reconverteram-se, muitos imigrantes voltaram a casa, ao leste da Europa". Por isso, a AHRESP quer "lançar um programa para ir buscar trabalhadores lá fora, mas de forma organizada, com contratos de trabalho de média e longa duração". O presidente confirma que vários restaurantes "já reduziram até a capacidade em sala por falta de trabalhadores. É um problema do país", frisa.

Estes e outros temas vão estar em debate no Congresso, encontro em que a associação quer lançar a Tasca. "Os espanhóis tem La Bodega e os italianos La Trattoria, precisamos de materializar esta identidade única da nossa comida", explica.

A ambição vai mais longe: "Estamos a trabalhar para ter o Guia Michelin português. O que existe hoje é ibérico e subalterniza-nos, temos ter o Guia Michelin Portugal e não o da Ibéria."

O Congresso vai decorrer no Convento de São Francisco, em Coimbra, onde são esperados mil participantes. "A cidade está a virar a página e está no centro dos grandes eventos", sublinha Pedro Machado, presidente da Entidade Regional de Turismo do Centro. E antecipa "a estruturação de novos produtos, do industrial ao ecoturismo". "Ainda em 2022 será lançado o *Convention Bureau* do Centro, para posicionar Coimbra no *ranking* das melhores cidades.

"Os incentivos pecuniários" são essenciais para atrair pessoas para o Ensino

PSD Reunidos em Ponta Delgada, Açores, os sociais-democratas debateram os problemas do Ensino, que também atingem a Região Autónoma.

TEXTO **PAULA SÁ**

"A questão salarial tem sido evitada, mas os incentivos pecuniários são dos que mais pesam no recrutamento de professores", afirmou ontem o investigador Pedro Freitas, da Universidade Nova, no primeiro *Encontro Interparlamentar do PSD* nos Açores, no caso em Ponta Delgada.

Neste encontro, onde se discutiram várias áreas com reflexos importantes ao nível regional, a Educação foi uma delas.

Sobre a estimativa da falta de mais de 34 mil professores nos próximos dez anos, e que também atinge o arquipélago, Pedro Freitas recordou que "a carreira de início de professor é mal paga, com uma evolução muito lenta" e comporta pessoas formadas em muitas áreas e que têm carreiras mais promissoras no privado. O que explicará a "queda a pique de diplomados" na área da Educação.

Este investigador, que falava para os eurodeputados social-democratas, membros do governo regional açoriano e deputados regionais e da Assembleia da República, manifestou-se ainda "chocado" com a "apatia" com que em Portugal se está a lidar com o impacto da pandemia nas aprendizagens. Tendo mesmo frisado que não há conhecimento sobre o modo como está a ser aplicado o Plano de Recuperação, de 900 milhões de euros.

Os estudos, disse, comprovam que são os alunos de famílias com menos recursos os mais penalizados pelo impacto da pandemia, tal como são aqueles que menores resultados obtêm na escola. Uma desigualdade que, apesar de reconhecer que Portugal evoluiu muito nos resultados, não se consegue ultrapassar.

O vice-presidente do PSD e eurodeputado Paulo Rangel socorreu-se da sua experiência de professor, há mais de 30 anos, do Ensino Superior para sentenciar: "Hoje tenho melhores alunos em quantidade, mas a média é francamente pior. Vamos ter uma sociedade mais desigual e uma elite muito bem preparada". E criticou o "baixíssimo rigor com os conteúdos".

Pedro Freitas considerou "normal" essa discrepância, já que há um nível de acesso ao Ensino Superior muito maior", mas admitiu que continua a existir uma "enorme desigualdade" no acesso a esse grau de ensino.

Governo: SIRESP "não falhou"

A secretária de Estado da Proteção Civil afirmou ontem que a rede SIRESP "não falhou" nos incêndios deste ano, tendo apenas existido "ligeiros picos de atraso, na ordem dos segundos", nos fogos da Serra da Estrela, Leiria e Santarém. As declarações de Patrícia Gaspar foram feitas no plenário da AR, durante uma interpelação ao governo requerida pelo Chega, intitulada *As sucessivas falhas no combate aos incêndios*. As falhas do Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal (SIRESP) durante o combate aos incêndios deste ano foram levantadas por todos os partidos políticos.

Conselho de Administração Marco Galinha (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Saraiva, Helena Maria Ferreira dos Santos Ferro de Gouveia, José Pedro Soeiro, Kevin Ho e Phillippe Yip **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretora** Rosália Amorim **Diretor-adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Data Protection Officer** António Santos **Diretor de Tecnologias e Sistemas de Informação** David Marques **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 28 571 441,25 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção e Patrícia Lourenço **Direção Comercial** Frederico Almeida Dias e Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital social:** KNJ Global Holdings Limited – 35,25%, Páginas Civilizadas, Lda. – 29,75%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 24,5%, Grandes Notícias, Lda. - 10,5% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt•

56037

5 605290 023002